



CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS NO **TOCANTINS**

Organizadores

Rubens Martins da Silva
Súsie Fernandes Santos Silva



CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS NO TOCANTINS

Organizadores
Rubens Martins da Silva
Súsie Fernandes Santos Silva



[Clique aqui e veja mais publicações](#)

Reitor

Augusto de Rezende Campos

Vice-Reitora

Darlene Teixeira Castro

Pró-Reitora de Graduação

Alessandra Ruita Santos Czapski

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Ana Flávia Gouveia de Faria

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários

Kyldes Batista Vicente

Pró-Reitor de Administração e Finanças

Ricardo de Oliveira Carvalho

Equipe Editorial

Editora-chefe

Liliane Scarpin S. Storniolo

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Joelma Feitosa Modesto

Leandro Dias de Oliveira

Apoio Técnico

Leonardo Lamim Furtado

Revisão

Flávia dos Passos Rodrigues Hawat

Lilian Mara Nogueira Dias

Marina Ruskaia Ferreira Bucar

Rubens Martins da Silva

Contato

Editora Unitins

(63) 3901-4176

108 Sul, Alameda 11, Lote 03

CEP.: 77.020-122 - Palmas - Tocantins

Conselho Editorial

Albert Lennon Lima Martins

<http://lattes.cnpq.br/6846570980484580>

Darlene Teixeira Castro

<http://lattes.cnpq.br/8766578585291045>

Jeferson Morais da Costa

<http://lattes.cnpq.br/8929854109676237>

Lilian Natália Ferreira de Lima

<http://lattes.cnpq.br/6290282911607995>

Márcia Guelma Santos Belfort

<http://lattes.cnpq.br/1748392086009047>

Michele Ribeiro Ramos

<http://lattes.cnpq.br/1032124853688980>

Alessandra Ruita Santos Czapski

<http://lattes.cnpq.br/1441323064488073>

Eliene Rodrigues Sousa

<http://lattes.cnpq.br/5857623231904159>

Kyldes Batista Vicente

<http://lattes.cnpq.br/1249709305972671>

Lunalva Aurélio Pedroso Sallet

<http://lattes.cnpq.br/8744928016577459>

Mariany Almeida Montino

<http://lattes.cnpq.br/3117524559575296>

Rodrigo Vieira do Nascimento

<http://lattes.cnpq.br/8227728628110178>

Vinícius Pinheiro Marques

<http://lattes.cnpq.br/7300803447800440>

S586 Silva, Rubens Martins. Contos, crônicas e poesias no Tocantins (livro eletrônico)

Organizado por: Rubens Martins da Silva, Súsie Fernandes Santos Silva

Palmas TO: Unitins, 2024.

93p.; color.

4,02 Mb; ePUB

ISBN 978-85-5554-318-0

DOI: 10.36725/978-85-5554-318-0

1 Contos. 2 Crônicas. 3 Poesias. I. Título.

CDD 869.93

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ysabella Canindé Guerreiro

Macêdo CRB-2/ 1191

Prefácio

Janaína Senem¹

O livro *Contos, Crônicas e Poesias do Tocantins* oferece um passeio pelo caçula do Brasil. As produções literárias presentes aqui carregam em si diversos elementos artísticos, culturais, ambientais e, acima de tudo, *humanos* que constituem o estado e os moradores do Tocantins. Certamente, o convite para fazer este prefácio me foi um presente, pois pude conhecer ainda mais da riqueza literária dos autores locais e visualizar a beleza de alguns ambientes que me são conhecidos e outros que passei a conhecer por essas letras.

Neste livro, é possível experienciar a diversidade dos olhares e das experiências dos autores nas terras tocantinenses. Contos como *Querosene no jantar*, *Doce de Buriti* e *Fonte das lavadeiras* retratam com beleza imagética cenários vividos e sentidos em contextos diversos, que fazem parte da realidade tocantinense e brasileira. *A cachorrinha na estrada* é um pesadelo, infelizmente, comum pelas estradas. Em *Serenata do Eterno*, pude conhecer uma história mística completamente nova para mim sobre um lugar que já conheço. A beleza e sensibilidade das linhas propostas pelo autor me fez refletir acerca de que nem sempre olhamos com atenção aquilo que julgamos já conhecer. Conforme o autor, “*O maior problema das pessoas não é o que não enxergam, mas o que decidem fazer com o que enxergam todos os dias*” (p. 18).

Em *Memórias de um tempo não vivido*, o passeio pelo Tocantins é amplo: Araguaína, Palmas, Ilha do Bananal, Jalapão... Como viajante que sou, ao ler esse conto, tratei de anotar nomes de lugares que quero conhecer.

As crônicas nos fornecem olhares perspicazes e críticos acerca de situações corriqueiras. Algumas com dose de humor, outras trazem belezas de ambientes e de relações, mas todas nos convidam a refletir. Escolho trazer um trecho de *Quando o amor foge do paraíso* em que é possível ver forte criticidade por meio da denúncia de situações ainda, infelizmente, frequentes no Brasil: “É pungente a força do tocantinense entre meados de agostos, sofrendo com a seca e os seus desgostos, como aquela falta de saneamento básico, como os esgotos” (p. 40).

As poesias oferecem perspectivas sensíveis das interações com os elementos sociais, naturais e culturais do Tocantins. Sobretudo, as poesias carregam consigo sentimentos de amor, afeto e, também, de dor. Por exemplo, *Indígenas do Tocantins* nos apresenta a diversidade dos povos indígenas habitantes do Tocantins. *Meu Cerrado* nos fala deste bioma de beleza marcante, no qual eu mesma tive o prazer de conhecer a fava-de-bolota e o pequi. A força poética em *Lamentações*, de Brito, carregada de sensibilidade, nos contam um pouco da história e das lutas deste Estado. Esses são apenas alguns exemplos dos belos trabalhos desenvolvidos por diversos autores que se sentem conectados, de alguma forma, com o Tocantins.

Por fim, o que vemos neste livro é um conjunto de produções literárias diversas, que tratam também de temas diversos, mas que se conectam pelas relações estabelecidas com o Tocantins. É uma produção de grande contribuição para o campo da literatura tocantinense, bem como para todos aqueles que desejam conhecer mais o estado do Tocantins.

¹ Escritora e professora na Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). E-mail: janaina.s@unitins.br

Apresentação

Rubens Martins da Silva¹

Este livro, intitulado **Contos, crônicas e poesias do Tocantins**, congrega diferentes construções textuais que tiveram como cenário o estado do Tocantins. Nesse sentido, é uma obra que apresenta ao leitor diferentes nuances históricas, geográficas, culturais, artísticas, paisagísticas, turísticas e literárias do Tocantins, motivo pelo qual alcança a definição de literatura tocantinense.

Organizada em três capítulos, a obra apresenta ao leitor um misto de contos, crônicas e poesias produzidas por escritores residentes no estado do Tocantins.

O primeiro capítulo corresponde a um conjunto de textos do gênero contos. Estes, por sua vez, provocam o leitor a um passeio por uma narratividade singular e envolvente dos cenários do Tocantins.

O segundo capítulo congrega um agrupamento de textos categorizados no gênero crônicas. Singularmente, as narrativas registradas dão ao leitor a possibilidade de percepção de aspectos ímpares à sua construção textual.

O terceiro capítulo contempla diversos textos poéticos, os quais são capazes de despertar no leitor estados de êxtase literários em razão dos cenários tomados como simbologia à sinestesia estética.

Diante do exposto, este livro é apresentado ao leitor como um marco inicial de uma produção que teve como cenário o estado do Tocantins. Nesse sentido, é uma obra singularmente representativa de uma literatura composta por um conjunto de textos que sugerem o acesso a um campo de deleite literário que valoriza os escritores do estado do Tocantins. Além disso, é uma obra que potencializa a realização de estudos nos diferentes espaços pedagógicos da educação básica e superior, bem como à realização de pesquisas que resultem na publicação de textos científicos.

¹ Pós-doutor em Letras: literatura tocantinense (UFNT/2022). Doutor em Letras: Ensino de Língua e Literatura (UFT/2019). Professor efetivo da Unitins e da Seduc-TO. E-mail: rubens.ms@unitins.br

SUMÁRIO

Capítulo 1 - CONTOS

A cachorrinha na estrada	10
Francisco Neto Pereira Pinto	
Querosene no jantar	11
Rubens Martins da Silva	
Fonte das lavadeiras	12
Alexandre Gomes de Brito	
Serenata do eterno	14
Odi Alexander Rocha da Silva	
Memórias de um tempo não vivido	19
Andreia Nascimento Carmo Valdivina Telia Rosa de Melian	
Doce de buriti	27
Zara Maria Oliveira	

Capítulo 2 - CRÔNICAS

Quase cidadãos	31
Rubens Martins da Silva	
Talheres e ouvidos no RU	33
Rubens Martins da Silva	
Quando o amor foge do paraíso	35
Karollyne Pereira dos Santos Alves	
A sombra da metade de um século	37
Odi Alexander Rocha da Silva	

Capítulo 3 - POESIAS

Via Lago	41
Symone Elias	
Rio Araguaia	43
Symone Elias	
A Ilha de São José II	45
Antonio Brito	
Meu Cerrado	47
Valéria Elias Nogueira	
Araguaína Pulsa	49
Valéria Elias Nogueira	
Indígenas do Tocantins	50
Antonio Brito	

Lamentações de um rio: rio Tocantins	52
Antonio Brito	
Lamentações de um rio: o desmatamento	55
Antonio Brito	
Lamentações de um rio: a grande mudança.....	57
Antonio Brito	
Terra às cegas	59
Karollyne Pereira dos Santos Alves	
Tocantins: o rio que inspira versos e lembranças	60
Karollyne Pereira dos Santos Alves	
A melodia da dor.....	61
Odi Alexander Rocha da Silva	
Parabéns, Xambioá!.....	73
Getúlio Dias Neto	
O rio transformado	74
Getúlio Dias Neto	
Babaçulândia: nossa história, nossa vida	76
Getúlio Dias Neto	
Araguaína: nossa história, nossa vida	78
Getúlio Dias Neto	
Dois rios e uma só vida.....	80
Getúlio Dias Neto	
Pôr do sol na Graciosa.....	83
Gislene Pires de Camargos Ferreira	
O sol do Tocantins	84
Gislene Pires de Camargos Ferreira	
Pôr do sol mágico	85
Gislene Pires de Camargos Ferreira	
Buquê sem laquê	86
Gislene Pires de Camargos Ferreira	
Tocantins na passarela	88
Gislene Pires de Camargos Ferreira	
Museu a céu aberto	89
Gislene Pires de Camargos Ferreira	
Tocantins, o que é?	90
Aluísio Alves da Silva	
Tocantins	91
Aluísio Alves da Silva	
Te venero, ó meu belo Tocantins	92
Aluísio Alves da Silva	
UM POUCO MAIS SOBRE A PROPOSTA DESTE LIVRO	93

CAPÍTULO 1 – CONTOS

Este capítulo congrega a organização de seis contos, os quais foram produzidos por escritores residentes em diferentes municípios tocantinenses. Cada conto está ambientado no estado do Tocantins e envolveu diferentes características, como por exemplo, cidades, lugares turísticos, rios, praças etc.

O conto que dá abertura a este capítulo, cujo título é *A cachorrinha na estrada*, revela o sentimento a respeito da importância dos animais para os seres humanos.

O segundo conto está ambientado no jantar de uma família que vivia em uma pequena cidade do Tocantins, época em que as casas eram iluminadas apenas pela luz de lamparina, a qual diz respeito a um recipiente em que se colocava querosene e algodão para acendê-lo durante a noite.

O terceiro conto apresenta um cenário de uma cidade tocantinense retratado à época em que as mulheres iam lavar as roupas no rio. Sorrateiramente, dia após dia, elas eram observadas por um jovem que ficava escondido entre as árvores.

O quarto conto compõe-se de um cenário construído a partir de diversos espaços da Capital tocantinense. Assim, as praças, parques e ruas relembram momentos eternos à lembrança de pessoas queridas.

O quinto conto apresenta a exuberante riqueza turística, cultural e aconchegante do estado do Tocantins. A memória relacionada à vivência em outros lugares não conseguiu substituir o majestoso Tocantins.

O sexto conto retrata uma das mais importantes linguagens imagéticas, pois o doce de buriti pode ser tão doce quanto o sabor de pessoas que fazem parte, principalmente, de nosso círculo social e familiar.

O convite à leitura desses contos representa a oportunidade de mergulho em um verdadeiro passeio pelo estado do Tocantins, dado o local em que suas narrativas aconteceram.



A cachorrinha na estrada

Francisco Neto Pereira Pinto

Ana diz que devo ter tido muitos problemas na infância, coisas do tipo reprimido. Que sonhos que não são bons, que afugentam o sono e castigam na noite é trauma de menino. Não sei dizer, acho que é coisa de eu ser um homem também. Não gosto muito de dizer. Escrevo para alívio de momento, depois joga fora, esqueço ou guardo em alguma gaveta.

Ontem, tive um desses sonhos tristes, mais penoso que não dormir. Era um domingo de julho à tarde. Ana, eu e as crianças, a pé, pela beira da estrada, voltando da praia, logo ali, acima da cachoeira, a dois quilômetros da moradia. A Rodovia, a BR-153, que passa em frente à nossa casa, acompanha o rio Tocantins até perder de vista e, depois, segue à direita, e corta todo o Estado, levando à Capital Federal.

O sol já se ia escondendo por detrás da serra de cor amarelo gemada e os raios faziam jogo de claro escuro com as folhas das árvores que anoitecia preguiçosamente aquele imenso mundo de mata. Os carros, em trégua de aparecer, um ou outro - pelo longo estirão para depois amortecer lá na curva fechada. Téó foi na frente, tocando, na caixinha de som, *Borboletas*, de Victor e Léo. Eve lá atrás brincando de jogar pedra nos pássaros e, de repente, gritou: papai, a cachorrinha pulou do carro. Olhamos todos, e a porta traseira do lado esquerdo ainda estava aberta, fechando rápido, num bater só. Acelerou, depois mais devagar, sumindo lá na curva, enquanto de cá, pulando, gritando e acenando, mas ignorados pelo carro fujão.

A cachorrinha corria pelo meio da pista e, também, pela lateral, de um lado ao outro, confusa, sempre atrás do carro branco, que levava um homem e uma mulher, em prantos, no seu desejo de que o finzinho dela pudesse ser numa batida bem que rápido. Corria atordoada, de pernas de nunca alcançar. Tinha um cone no pescoço e a língua para fora gotejando a saliva.

Meu coração bem que ainda disse: cuidado, cachorrinha, porque um carro pode atropelar. Então abri os olhos, porque nesta vida há limites do suportar. Todos os domingos à tarde escrevo um verso para a cachorrinha que morreu, ou para o coração que ainda em todos esses anos nunca mais que parou de doer:

Quando morre um cão,
é uma flor que cai,
uma estrela que se apaga,
uma onda perde a força lá no oceano,
é uma alegria que não vinga,
uma promessa de vida a meio caminho,
o pranto de um menino,
é uma lágrima torcida,
quando o mundo é menos mundo,
ou então um gemido.

ai

Querosene no jantar

Rubens Martins da Silva

Naquela cidadezinha do interior do Tocantins, sem energia elétrica, o cair da tarde dava sinais de que suas casas seriam iluminadas pela lamparina, a qual era abastecida de querosene.

Na casa da família Silva, havia lamparinas na sala, nos quartos e na cozinha. Às 19h, o pai e a mãe chamaram as crianças para o jantar. Era um jantar simples, porém suficiente para matar a fome.

O dia de trabalho braçal tinha sido cansativo.

As crianças, após chegarem da escola, estavam com muita fome porque o único lanche tinha sido a merenda escolar.

As panelas de arroz, de feijão e de peixe cozido foram postas na mesa. Uma tigela de farinha de puba complementava o jantar. Após a oração de gratidão, a mãe começou a servir o alimento aos filhos menores.

O pai, com muita fome, pôs arroz e feijão em seu prato.

O menino maior, cerca de 14 anos, estava ansioso pelo jantar, mas ao levantar-se da cadeira para pegar a colher que serviria o arroz, bateu o braço na lamparina que estava colocada no centro da mesa. Bruscamente, a lamparina caiu sobre a mesa e derramou um pouco de querosene. O cheiro forte trouxe preocupação à família que estava faminta.

Rapidamente, o pai pegou a lamparina, ainda com o pavio aceso, e olhou cuidadosamente se havia querosene nos alimentos.

Para satisfação daquela mãe, e de seus oito filhos, a querosene tinha caído ao lado da panela de feijão. Removeram a toalha da mesa, e mesmo ao forte cheiro daquele combustível, conseguiram jantar.

Agora saciados pelo arroz, feijão, peixes e farinha de puba, o pai e a mãe disseram às crianças que iriam dormir tranquilos.

O novo dia seria de trabalho, porém a maior expectativa era a de um novo jantar sem querosene.

Após dois meses desse episódio, a energia elétrica chegou à casa da família Silva. A partir de então a querosene ficou apenas na lembrança, não no jantar.

Fonte das lavadeiras

Alexandre Gomes de Brito

Houve um distante tempo, ainda antes dessas modernas máquinas de lavar, e mais longe ainda do obsoleto tanquinho (que já mereceu o pomposo título de “assessor doméstico”), em que as mulheres de muitas regiões do Brasil, principalmente nas áreas ribeirinhas, tinham por profissão a lavagem de roupas. Era serviço que ofereciam às pessoas mais abastadas, que gostavam de usar trajes enxaguados e engomados por senhoras tidas como especialistas nesse tipo de atividade.

Era esse o caso de Dona Firmina, moradora da cidade de Porto Nacional nos idos dos anos 70. Cuidava ela da arrumação das roupas de umas quatro famílias e isso garantia o sustento mensal para si e os dois filhos ainda pequenos.

Todas as quintas-feiras, fizesse chuva ou sol, lá estava ela a caminho da beira do rio Tocantins, em companhia de seis outras amigas que igualmente eram mantidas pela mesma profissão.

Assim seguiam para uma caminhada de uns dois quilômetros, levando, por sobre as cabeças, pesadas bacias com uma trouxa de roupas de todos os tipos. Para amaciar o peso e ajudar no equilíbrio do corpo, usavam sobre o couro cabeludo uma espécie de rodilha, que era geralmente uma peça de pano grosso trançado em forma circular. Esse “amortecedor” evitava que a carga viesse a provocar torcicolos ou impactos diretos na coluna dorsal. Uma mão ficava levantada, sustentando a parte inferior da bacia, enquanto a outra segurava a alça de um balde, onde eram colocadas barras de sabão e escovas para amaciar os tecidos, bem como uma marmita recheada com frito de costela de porco e farinha de puba, e um pouco de arroz com feijão e tomate, pois o retorno para casa somente acontecia no finalzinho da tarde.

A viagem pressupunha sair bem cedinho de casa e chegar do rio com o sol ainda ameno, pois o desembarque só era feito no ponto de lavagem, por sobre umas vigorosas tábuas cuidadosamente presas a estacas fincadas a poucos metros da margem do caudaloso rio, onde elas se postavam com a água à altura das coxas, que ficavam bem à mostra, pois suspendiam as bordas das vestes até a altura dos quadris, com uma espécie de dobra, para facilitar a locomoção no processo de lavagem, que consistia em ensaboar e bater a roupa, expondo as peças torcidas para quasar, após o que enxaguavam e estendiam para uma rápida secagem ao sol.

Num determinado dia de tempo anuviado, dona Firmina supôs ter visto um vulto furtivamente entrincheirado em meio a uma vegetação que margeava a ribanceira: frondosos arvoredos em meio a pés de assa-peixe e muito mororó (tipo de arbusto de pequeno porte, caule fino e uma densa galhada). Como o suposto “esconderijo” ficava a menos de cinquenta metros da fonte, aguçou um pouco as oíças e as vistas, mas nada. “Deve ser miragem, por causa desse tempo escaldante” - pensou!

Niltinho era um sujeito alinhado, na casa dos 16 anos de idade, estatura avantajada, mestiço claro, que tirava seu tempo para curtir preguiça. Estudar? Já havia sido expulso de uns três colégios nas imediações do Setor Beira-Rio. Seu *hobby* predileto consistia em acompanhar com as vistas as donzelas que desciam para uns momentos de banho na Fonte das Lavadeiras, observando-lhes os detalhes que aguçassem seu sentido de lascívia, folgadoamente alojado no alpendre de seu casebre. Quando esses atributos eram por demais insinuantes, ele dava um tempo e logo atravessava a orla para se ocultar na matinha que margeava a fonte, onde se deliciava com sua libidinosa e jovem imaginação.

Dentre esses grupos femininos, o que mais lhe chamava a atenção era exatamente a turma de Dona Firmina. Eram todas mulheres de meia-idade, corpos rijos da labuta e um caminhar ondulado de meneios que lhes acentuavam as curvas, sob vestidos atrevidamente bem colados.

Assim, Niltinho criou um posto de vigília todas as quintas-feiras, quando se embrenhava no matagal com o corpo quase de arrasto, para não ser notado. Chegou até a levar para o local uma pedra de confortável assento, de modo que apenas os marimbondos, mutucas e as incômodas muriçocas vinham lhe fazer companhia, sem, contudo, perturbar significativamente sua extasiada concentração. Mas como “o uso do cachimbo é que entorta a boca”, foi ele se descuidando, aos poucos, como aconteceu naquela tarde densamente nublada.

Na semana seguinte à quase visão de um vulto por parte de Dona Firmina, entre o levantar e abaixar do rosto para bater com mais força um tecido jeans na tábua lavatória, ela novamente teve a franca percepção de que estavam sendo observadas. Novamente aguçou os sentidos, até que não mais lhe restavam dúvidas. Esperou calmamente que todas as companheiras finalizassem seus serviços e detalhou a elas suas suspeitas, já arquitetando uma forma de reação para a semana vindoura.

Os dias que se seguiram foram de maquiavélicos planos e sessões de encorajamento. Tudo na surdina.

Pronto! Logo chegou a fatídica quinta-feira, com incontidos ânimos e nervos à flor da pele. Naquele tão esperado dia até adiantaram o horário, de modo que pudessem desembarcar as pesadas trouxas com um pouco de folga de tempo, para irem ao matagal apanhar uma dúzia de pés de mororó, arrancando as folhas com a pressão das mãos, até restarem apenas o caule e os quase indestrutíveis galhos, em peças de um metro e meio de tamanho, mais ou menos.

Os cipós assim obtidos foram estrategicamente armazenados, e lá foram as senhoras cuidar de seus afazeres. Todas com cândidas expressões, a ponto de dar inveja a santo.

Pouco demorou para que o descuidado Niltinho ocupasse sua costureira “poltrona”. Quando lhe parecia que o cenário seria de deleite e tranquilidade, como das outras inúmeras vezes, uma das mulheres fingiu que ia fazer uma necessidade qualquer e postou-se, ocultamente, na entrada do carreiro que o moço usava como esconderijo. De lá, conclamou as demais, aos berros:

- É agora, mulherada! Vamos triturar esse moleque!

Estupidamente surpreso, sem tempo para qualquer reação e sem poder correr com o short arreado até os tornozelos, Niltinho viu desabar sobre si meia dúzia de mulheres ensandecidas, cada uma com dois cipós de mororó – o mais terrível instrumento de tortura de todas as antigas narrativas de suplícios caseiros.

Os detalhes que se seguiram, com muitas lapadas, safanões, impropérios e gritos de socorro são simplesmente inenarráveis.

Fato é que Niltinho passou um longo período afastado das então maravilhosas praias de Porto Nacional, que ele tanto apreciava, deitado de bruços em uma cama com pesadas escoriações e uma espessa camada de unguento a cobrir-lhe toda a extensão das costas, feito à base de água, gordura e sal.

Algo muitíssimo dolorido, até de se imaginar!

Serenata do Eterno

Odi Alexander Rocha da Silva

Dizem que, na madrugada, outras forças se levantam: os mistérios das energias que não são vistas, mas que se escondem na vida material. Quando as forças secretas se levantam, é como se o tempo parasse. E, quando o tempo para, as emoções afloram e as eternidades se encontram. E, quando as eternidades se encontram, irmanam-se todos os sonhos que vêm do Infinito.

Sempre me disseram o quanto é difícil perder alguém querido. Mas a verdade é que você nunca vai saber o que é isso até a sua perda acontecer. Não é algo sobre o que se possa teorizar. É uma experiência que a gente só sabe vivendo. A ligação, quando forte, como era do caso da minha, é o que fica depois da partida. Qualquer que seja o lugar para onde vão essas pessoas tão amadas, o fato é que nunca são esquecidas.

Naquele dia a saudade de alguém bateu mais forte. Tia Zélia era uma das irmãs mais velhas da minha mãe. Sim, minha mãe está viva e bem, graças a Deus. Ainda a tenho neste plano. Alguém talvez perguntaria por que sentir falta de alguém teoricamente mais distante do que a própria mãe. Mas há certas pessoas que entram na nossa vida pelo jeito da surpresa. Elas vão se instalando, aos poucos, fazendo parte de cada dia, cada momento. Quando eu me dei por mim, a vida não poderia ser a mesma sem ela. Dentre outras coisas, compreendia-a como alguém que fosse ficar sempre.

Tia Zélia viveu para a família. Nunca se casou. Desde cedo, a sua vida foi ter se dedicado a outra irmã. A minha madrinha Marília. Desde jovem, Marília sofreu com esclerose múltipla e viveu com a doença até morrer. Tia Zélia se dedicou muito a ela. Sobretudo nos cuidados, na higiene, em conduzir tia Marília para onde ela quisesse ir. Há pessoas assim. Parece que nascem para se dedicar a familiares. Nunca duvidei de que trazemos uma certa missão ao nascermos. A missão de tia Zélia parece ter sido a de cuidar. Cuidou de minha madrinha, ajudou a cuidar de mim e cuidou de alguns sobrinhos que passaram pela vida dela. Não era à toa que era muito querida por todos.

Mas sua convivência maior sempre foi comigo. Por isso, nunca se ligou aos outros sobrinhos tanto quanto se ligou a mim. Não sei, realmente não sei o que favorece a criação dessas ligas tão estreitas como a minha e a dela. O fato é que ela sabia até quando eu estava infeliz e quando não estava. Durante muito tempo, eu desejei uma bicicleta. Bicicletas, naquela época, eram muito caras. Tia Zélia não tinha dinheiro para comprar uma para mim, embora quisesse muito. Então, o seu amor tentou resolver isso a seu modo. Por alguns dias, ela foi capaz de pagar um dos vizinhos da sua casa para que ele deixasse eu andar na bicicleta dele. Foi uma coisa que me tocou muito, embora eu fosse criança, algo me dizia que aquilo havia sido um gesto nobre, do qual eu jamais me esqueceria.

Tia Zélia partiu quando eu recém saí da adolescência. Sucumbiu a uma enfermidade contra a qual lutara durante alguns anos. Nesse tempo, era eu quem a levava a seu médico. Era eu quem a levava na farmácia para comprar os remédios. Não raro, quem pagava os remédios dela era eu. Sua aposentadoria, muito exígua, não lhe permitia pagar todas as despesas junto com os remédios. Então fiquei meio órfão. Ela era uma segunda mãe para mim. Mas o que passou a me doer foi o fato de que eu nunca tive oportunidade de dizer isso a ela. Seja para dizer a ela, com as palavras e a cabeça do adulto

que sou hoje sobre o quanto ela havia sido importante para mim. Desde que ela se foi, tive algumas crises de saudade. Mas, principalmente, tive muita vontade de dizer a ela, com as palavras que hoje eu considero satisfatórias, do quanto ela havia sido importante para mim.

De uns tempos para cá, comecei a me obcecar com a ideia de que pudesse, de alguma forma, ter algum tipo de contato com ela. Li coisas a respeito do sobrenatural, de como se dizia que era possível ter contato com os mortos, mas nunca levei a cabo nada daquilo que ouvi. Até que, certa vez, ouvi algo interessante sobre o Parque dos Povos Indígenas, um dos mais belos pontos de Palmas, a capital do Tocantins. Dizia-se, sem qualquer confirmação, que, durante a madrugada, as almas de indígenas se encontravam e realizavam o desejo de quem estivesse passando ali naquele momento, isto é, se essa pessoa tivesse centrado o suficiente para fazer um pedido e não se assustar com o evento sobrenatural que presenciaria. Mesmo que o sobrenatural fosse algo cuja verdade eu sequer pensei um dia acreditar, minha sensação sobre o que eu gostaria de dizer a tia Zélia se tornou mais forte do que eu. E, em razão disso, comecei a aceitar não apenas o sobrenatural, mas aceitar – e crer – que ele talvez me desse aquilo que era objeto das minhas inquietações.

Então, em certa noite de sexta-feira, como não trabalharia no dia seguinte, chamei um Uber e coloquei como destino o Parque dos Povos Indígenas. Estava bastante receoso e o receio não era pelo encontro, mas porque eu nunca gostei de sair à noite, muito mais à meia-noite e para um lugar que ficasse totalmente deserto nesse horário. Não demorei muito a chegar, pois o parque era relativamente perto da minha casa. Como previ, o parque estava totalmente deserto. Lá estavam as suas árvores, a densa vegetação, a beleza paisagística que o tornara famoso desde o seu surgimento. No momento em que caminhava hesitante, me ocorreu não ter lembrado de perguntar em que lugar do parque exatamente as supostas almas apareciam. Assim, o grau de dificuldade aumentava visto que não era apenas esperar, mas também tentar encontrar o lugar onde esperar algo de que eu não tinha a menor certeza de que fosse acontecer.

Comecei a caminhar a esmo por um corredor de árvores. A lua estava totalmente cheia e, então, os raios passavam por sobre os galhos das árvores e chegavam ao chão com um brilho fraco, como se o sol tivesse ficado subitamente pálido e não brilhasse mais como antes. Ainda que não fosse um brilho tão forte, o parque não estava totalmente às escuras de modo que era fácil ver para onde eu estava indo. Passaram-se dez, vinte, trinta minutos. A noite estava até bastante fresca para a estação seca. Passaram-se quarenta minutos. Por fim, deu uma hora e nada acontecera. O meu coração estava indeciso entre o medo de aparecer algum assaltante ou de fato presenciar o que eu realmente viera até ali para ver.

— “Quer saber de uma coisa?”, pensei de repente, “que ridículo estar aqui agora por algo que jamais vai acontecer”. Acabei me sentindo um egoísta por querer que uma pessoa que já havia partido aparecesse novamente para atender a uma inquietação com a qual eu naturalmente poderia – e talvez deveria – lidar sozinho. Aqueles que partiram, partiram. Não há mais volta. Chega dessa palhaçada. Uma noite como essa é para ficar em casa lendo um bom livro, que se ganha muito mais.

No momento em que tomei essa decisão, senti um brilho atrás de mim. A primeira sensação foi de tremor. E se eu corresse? Mas se eu corresse eu jamais saberia o que era aquilo e, se eu corresse

sem olhar para trás, eu jamais saberia o que teria sido aquilo, e então, levaria aquela dúvida comigo para sempre. Desse modo, tomei coragem e olhei para trás. Algo em mim, talvez a parte insegura, mandava que eu corresse o mais que pudesse, mas outra parte – que não sei explicar como – forçou-me a sequer me mexer. E então permaneci onde estava.

Mesmo tendo presenciado algum evento que a lógica não consegue explicar, por vezes, duvidamos de nós mesmos. Mas juro, juro que eu vi. Eram muitos. Parecia uma multidão em procissão em razão de alguma comemoração religiosa. Contei mentalmente: devia ter uns cinquenta indivíduos, a maioria deles, pela distância, para mim indiscerníveis, mas todos com formas humanas.

A suas conformações físicas tinham um grau impressionante de transparência. Eu podia ver a paisagem por trás de seus corpos, apenas eclipsada pelo brilho que deles emanava como de uma lanterna pequena. Era mais fraco do que o brilho de uma lanterna de celular, mas, juntos, formavam uma grande luminária que enchia de luz pelo menos a metade daquele grande parque. Estavam andando atrás de mim. Talvez estivessem nisso durante todo o tempo e eu não tivesse percebido. O que de fato importava era que estavam lá. E caminhavam na minha direção.

Por fim, aproximaram-se de mim. Já mais perto, as criaturas reluzentes eram mais visíveis e pude discernir mais detalhes delas. Eram pessoas com uma espécie de aura brilhante ao redor de si. O modo como estavam vestidas denunciava quem eram: todos indígenas. Os corpos reluzentes, tinham aparência seminua tal como provavelmente viviam nas comunidades. Trajavam penas que cercavam suas cinturas como se fossem pequenas saias e penas semelhantes traziam à cabeça, cobrindo-as como pequenas tiaras. Os seus corpos ostentavam pinturas diferentes, provavelmente referentes às etnias às quais haviam pertencido em vida. Todos olhavam fixamente para mim. Formou-se um silêncio brutal – o mais brutal que eu já presenciei na vida – e foi quebrado, curiosamente por mim mesmo, de uma forma que eu me arrependo até hoje:

- Eu não quero me juntar a vocês.

Sim, por algum motivo que não sei explicar agora, eu achava que eles queriam que eu entregasse a minha vida e, desta forma, a eles me juntar em uma errância eterna como nas lendas de almas que penam por toda a eternidade. Esse pensamento e muitos outros derivados de histórias que eu ouvi desde criança vieram à tona como um dilúvio no meu pensamento. Entretanto, eles não falavam absolutamente nada. Apenas olhavam para mim, inclusive a estátua, que não tinha olhos (nem rosto para dizer a verdade), mas seu corpo estava voltado para a minha direção, o que me dava a impressão de que também me olhava. Foi então que eu não ouvi, mas senti uma voz no pensamento.

— Sabemos por que você está aqui. Estamos dispostos a atender seu pedido. Mas estabelecemos uma condição.

Então os supostos mortos se achavam em posições de estabelecer condições? E quem era eu para dizer que não?

— Este é o nosso local de encontro. Nos reunimos aqui para auscultar essa cidade. E sentimos aquilo sobre o que a maioria das pessoas não quer falar. Uma forte energia de solidão paira ao redor. Várias pessoas já vieram aqui, tristes, enlutadas, desprovidas de esperança. Assim, se dermos a você o que deseja, você teria coragem de falar sobre essa experiência para outras pessoas? Teria coragem

de escrever e falar sobre nós? Ou vai nos ignorar como todos os que passaram por aqui nesta hora e cujos desejos foram atendidos?

Para quem estava assustado como eu estava, era difícil raciocinar sobre o que eu faria com uma experiência que jamais havia tido na vida. Mas tentei articular a voz como pude. E o que disse foi o que de fato eu queria ser verdade, muito embora muitas verdades que eu tinha como tais se diluíram quando vi aquelas criaturas.

— Eu posso fazer isso sim. Prometo que farei. Mas é pouco provável que acreditem em mim. O maior problema das pessoas não é o que não enxergam, mas o que decidem fazer com o que enxergam todos os dias.

— Então – senti na minha mente a voz de novo – ofereça-lhes uma decisão. E então lhe seremos gratos.

Desse modo, a multidão se abriu como se quisesse me dar passagem. Por fim, o cortejo (ou o que parecia ser) dividiu-se em duas metades, atrás dessa multidão surgiu a visão que me persegue até hoje: lá estava tia Zélia. Estava a uma distância de cerca de dez metros de mim. E lá estava o mesmo sorriso, o mesmo rosto contente e extrovertido que fora durante tantos anos o aconchego da minha alma de criança. O mesmo rosto com a mesma expressão de vivacidade que dela eu me lembrava ainda pouco antes de sua última internação no hospital. O seu corpo tinha a mesma consistência dos outros indivíduos e isso, desgraçadamente, me fez ter a certeza de que não importava se eu quisesse abraçá-la. Qualquer que fosse meu abraço, ela jamais poderia senti-lo.

— Ela tem algo a dizer a você. Abra seu coração e esteja pronto.

Foi então que ouvi a mensagem que jamais sonhei um dia ouvir na vida. Não importa quanto tempo leve. Eu jamais me esquecerei disso.

O destino do coração é tornar eternas as melodias que não quer esquecer. Eu quero ser a voz que acalma os gritos de saudade no fundo do seu silêncio. Será que é tão difícil assim de acreditar que o fato de eu não ser mais uma presença concreta jamais impedirá de eu estar em você e você estar em mim? Por que se esquece de olhar no espelho e ver o rosto que é a continuação do meu amor? Por que se esquece de olhar no espelho e ver aquilo de mais lindo que ficou de mim e que nem a morte poderá destruir? Fora com este luto que suja a tua alma com teias de miséria e desamparo e depressão. Se você não quer mais se sentir como quem perdeu tudo desta vida, decida fazer do seu coração a morada da minha herança, a lembrança dos dias que você foi feliz por minha causa e junto a mim. Embora até os anjos possam chorar suas próprias perdas, eu não vou chorar, porque a tua presença me basta para uma união além de todas as verdades e de todos os destinos. Se realmente decidi colocar esses dias comigo no relicário da sua alma, então também ficarei lá. E quando me buscar em suas próprias certezas, para sempre me encontrará. Se uma música pode ser a lembrança de uma pessoa que partiu, então minha melodia vai animar teu coração como uma serenata do eterno. daquelas mais doces que a gente faz apenas para quem se ama, justamente assim como eu amo você.

Claro, eu havia caído em prantos. Já fazia doze anos que eu vira tia Zélia pela última vez e a visão que eu guardara era a de seu corpo em um caixão com as mãos cruzadas sobre o peito. Quando a última frase terminou, suavemente Tia Zélia e todos os presentes se fragmentaram em pequenos

pontos luminosos como se fossem pequenos vaga-lumes brilhando à luz da lua. Foi então que senti que a estava perdendo. Depois de tantos anos sem vê-la, eu a perdia novamente. Então corri para ela o mais que pude. Queria abraçá-la de qualquer modo, estar perto dela, senti-la de alguma maneira, mesmo que fosse um simples fragmento. O que quer que fosse, seria algo dela que eu poderia guardar para sempre. Depois de anos sem vê-la, depois de conviver tanto tempo com seu corpo enfraquecido e já quase sem vida na UTI daquele hospital, eis que uma nova visão retornava, apenas para deixar no meu coração lembranças com as quais, naquele momento, eu ainda não sabia como lidar.

Os pontos luminosos subiam por entre as árvores e, quando chegavam mais alto do que elas, se desfaziam no ar. Cheguei antes dela se desfazer totalmente, mas meu corpo a atravessou. A minha saudade e a minha afeição não conseguiram romper a barreira dimensional que nos separava. E assisti tia Zélia se dissolver diante dos meus olhos.

Voltei outras vezes ao parque. No mesmo horário. Cheguei a amanhecer ali algumas vezes. Mas o fenômeno que eu, já agora crente, tentei testemunhar novamente, jamais voltou a se manifestar. Experiências fantásticas não se repetem. Um fantástico jamais é igual ao outro. Até hoje, me arrependo do que poderia ter conversado com aqueles indígenas. Arrependo-me do que poderia ter apreendido da sabedoria ancestral, certamente milenar, que guardavam do conhecimento que poderia ser útil para tornar a vida melhor. Mas o medo e a surpresa acabam sendo obstáculos para muitas coisas importantes e o que resta é a experiência por si mesma, tal como pude vivê-la. Apenas uma lembrança que, pelo seu inusitado e fora de toda lógica, com o tempo acabamos achando que foi sonho ou autosugestão. De todo modo, cumpri o que prometera a eles. Aqui está o texto, relatando o que aconteceu comigo. Em uma era de pós-verdade como a presente, não obrigo ninguém a acreditar em nada. Continue não acreditando em almas de outro mundo se não desejar. Mas que existem, existem.

Memórias de um tempo não vivido

Andreia Nascimento Carmo
Valdivina Telia Rosa de Melian

— É você, Mirella? Onde você está? Perguntou em tom zangado, o senhor Batista.

— ALÔ! – Sim, sou eu... respondeu Mirella com apreensão.

— Estou em Araguaína, mais precisamente, sentada, olhando o pôr do sol às margens do rio Lontra aqui na Via Lago. Naturalmente você não tem noção do que é contemplar o pôr do sol.

— Onde fica isso? Perguntou em tom de deboche.

— Araguaína é a segunda maior cidade do estado do Tocantins. Tocantins é um estado que fica na região norte do Brasil.

— Ah! Ainda se dá o direito de zombar de mim? Quero que volte o mais rápido possível para as suas funções. A Empresa está em amplo crescimento e você sabe disso muito bem.

— Senhor Batista, eu não posso voltar antes do final das minhas férias. Quero ir conhecer a tribo Karajás, sobretudo, as mulheres que fabricam as Bonecas Ritxòkó. As bonecas Ritxòkò são certificadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural do Brasil desde 2012. Depois irei ao Jalapão, pois lá tem belezas naturais tão especiais e lindas que não poderei perder essa oportunidade. Imagino que sabes onde esses pontos turísticos estão localizados.

— Não precisa ser grosseira! Respondeu o senhor Batista.

— Perdão, senhor, eu não quis ofendê-lo.

— OK! Vamos ao que é realmente importante para mim. Então, voltarás no final do mês? Certo, te esperarei. Siga aí vendo o “seu pôr do sol”.

— Boa tar... Mirella nem terminou de falar e o senhor Batista já havia desligado o celular.

Mirella, pensativa, seguiu sentada olhando o lindo pôr do sol que agora já estava quase se pondo definitivamente, para ressurgir no outro dia brilhando e traçando o mesmo caminho sem se importar com a “zanga” de ninguém. Ela faria o mesmo. Seguiria seu planejamento de férias sem se importar com ninguém. Queria conhecer a tribo Karajás e o Jalapão e assim o faria.

Mirella começou a lembrar de quando ainda era criança. Seus pais haviam prometido fazer esse percurso para que ela pudesse conhecer melhor o Estado em que nasceu, como também ensiná-la, na prática, a importância da responsabilidade ambiental. Para seus pais, preservar o meio ambiente é uma responsabilidade de todos. Trabalhar nos moldes do capitalismo não retira a responsabilidade de preservação do meio ambiente. Entretanto, a vida foi traiçoeira e levou seus pais ainda jovens deixando-a muito pequena. Recordou com tristeza o dia que lhe contaram sobre o acidente que vitimizou os seus pais. Ela chorou, agora, como naquele dia.

Mirella nasceu e morou em Araguaína até seus dez anos. Seus pais eram advogados e viajam muito para atender a grande carteira de clientes que possuíam. Seus pais diziam que ela era muito inteligente e que deveria cursar Direito e depois fazer Relações Internacionais ou Comércio Exterior.

Eles eram visionários. Haviam deixado São Paulo para fazer carreira no Norte do País. Escolheram a cidade de Araguaína para morar e trabalhar. Construíram um bom nome e uma pequena fortuna.

Após o acidente de seus pais, Mirella foi morar com os avós paternos em São Paulo. Não conheceu os avós maternos. Estes morreram na Guerrilha do Araguaia. Sua mãe fora criada por uma tia. Ela não falava muito sobre o tema Guerrilha do Araguaia – esse sempre foi um assunto misterioso, pois não se dizia muito a respeito dentro de sua casa. Mirella sempre quis saber mais sobre esses avós corajosos, com visão crítica sobre o sistema político.

Um dia, quando estava com 17 anos, perguntou ao avô se ele sabia algo sobre os pais de sua mãe. Ele respondeu que sabia bem pouco, mas que se ela não havia falado nada para Mirella, então deveria continuar assim. Na época, Mirella ficou pensativa, mas aceitou o fato. Ela havia lido sobre a Guerrilha do Araguaia e por meio das leituras, concluiu que seus avós eram parte dos desaparecidos do movimento. — Revoltante, pensou ela.

Mirella era uma menina dedicada e herdou a disciplina dos pais. Procurou estudar, trabalhar e conquistar sua independência. Era feliz, mas manteve vivo o sonho de realizar o percurso para retornar ao estado do Tocantins conforme seus pais haviam planejado. Ela pensou: — será que foi uma boa ideia ter voltado aqui? Refletiu e assentiu: — Sim, é uma boa ideia. Não me deixarei abater pela saudade ou pela ligação do senhor Batista.

Mirella conheceu o senhor Batista quando fez o estágio acadêmico. Ele a recebeu com certa relutância, pois ela era jovem e inexperiente, nunca havia trabalhado antes. Todavia, Mirella tinha ótimas notas e uma carta de recomendação do Diretor da Faculdade. Ela era uma aluna aplicada, carismática e o corpo docente a tinha em consideração. Ela estava cursando Comércio Exterior e, ao fazer o estágio na empresa do senhor Batista, destacou-se ao ponto de assumir uma vaga na empresa, no Departamento de Gestão de Negócios Internacionais, o que fazia com maestria há dez anos. Havia começado a trabalhar com senhor Batista aos 22 anos. Ele é uma daquelas pessoas que intimida só no olhar, mas Mirella não se deixou abater pelos “modos” do senhor Batista, pois sempre procurou ver na pessoa o lado bom. Assim, reconheceu, com o passar dos anos, que o Patrão era um verdadeiro “coração de manteiga”. Ele não teve filhos e com o passar dos dias foi se afeiçoando à Mirella e a tratava como filha. Esse sentimento paternal deu a ele a liberdade de escolher para ela uma vaga em sua empresa nos Estados Unidos. Local que Mirella morou por 5 anos. Lá ela aperfeiçoou seu inglês e desenvolveu um trabalho brilhante na empresa. Senhor Batista está preparando-a para ser a CEO de suas empresas. Por isso, tem a liberdade de ligar e cobrar sua presença na empresa e até mesmo o direito de ficar impaciente e desligar o telefone de forma brusca. Ela se acostumou com seu jeito de amar.

Sem se dar conta da realidade à sua volta, Mirella não notou que quanto mais o sol se punha, mais pessoas chegavam ao local. Algumas para fazer caminhada, outras para vender comidas e guloseimas e outras somente para consumir as iguarias vendidas nas lojas ou pelos ambulantes. A noite chegou e junto com ela muitas pessoas transitavam pela Via Lago. Mirella ainda ficou um pouco mais e comeu uma deliciosa tapioca. — Que delícia! Havia me esquecido completamente como é bom ser livre da rotina frenética dos grandes centros, apesar de Araguaína estar bem movimentada. Imagino que, com inauguração do Shopping Via Lago, ficará ainda mais agitada. Mas valerá a pena!

Na manhã seguinte, ela acordou e seguiu para o mesmo lugar; admirou o nascer do sol, o silêncio que era quebrado pelo vento. Caminhou um pouco, respirou o ar puro, decidiu tomar o café da manhã pelo centro da cidade, talvez encontrasse o “homem do milho assado” que fica lá na praça das Nações.

Ao meio-dia, ela estava almoçando no mercado municipal. O cardápio: arroz, salada, chambari e a deliciosa dobradinha. — Que perfeição! Pensou ela. Como ainda tinha tempo, foi ver a Cachoeirinha Véu de Noivas, que fica bem próxima a Araguaína. Lembrou que foi lá com seus pais e que foi muito divertido. Ela fez uma busca na internet e viu o site do Jornal AF Notícias e leu: “localizada a 30 km do centro da cidade de Araguaína, a Cachoeira Véu de Noivas é um dos principais pontos turísticos do município e chega a receber, em média, 250 pessoas nos finais de semana mais movimentados, como feriados. O local já recebeu 1,2 mil visitantes em apenas uma semana”. — Nossa! Exclamou feliz. Já que estava pesquisando, aproveitou também para dar uma olhadinha rápida sobre o Parque aquático 3J, pois ouvira que lá estava bem moderno. Ficou surpresa com a beleza do Parque, pois o local tem belas piscinas e uma área verde bem cuidada – é um local para lazer bem agradável.

— É! Araguaína está cada vez melhor! Pensou Mirella.

Na manhã seguinte, Mirella acordou cedo, tomou o café e seguiu para a Cachoeira Véu de Noivas. Ao chegar, ficou extasiada com a beleza do lugar. O tempo passou, mas a cachoeira continua linda e igual na beleza e imponência, com suas águas brancas e espumantes caindo forte. Realmente, as quedas d’água lembram um véu de noiva. Viu que havia um bom restaurante e ficou feliz. Passou o dia ali com muita tranquilidade, ouvindo a natureza. De repente, se deu conta de que havia uma linda Arara Azul de peito amarelo, brincando por entre as palhas dos coqueiros. — Que linda! Exclamou ela. Aproveitou para fazer algumas fotos para levar e mostrar aos avós. Por fim, o dia chegou ao final e ela deixou o local com o corpo e mente renovados.

Voltou para o hotel ao final da tarde. Começou a arrumar suas coisas, pois iria sair no dia seguinte cedo para Palmas. Ficou em Palmas por três dias. Um dia para saída para Ilha do Bananal e depois para o Jalapão. E saída para São Paulo. Palmas foi assim, como um ponto de apoio, mas também foi explorada para matar as saudades de casa.

Ela foi para Palmas de avião, pois assim aproveitaria melhor o tempo. Chegou a Palmas às dez horas. Após fazer o check-in no hotel, desceu para o Shopping Capim Dourado. Almoçou por lá e depois foi andar um pouco pela cidade até à noite. O Shopping Capim Dourado é amplo com várias lojas e uma praça de alimentação com comidas diversificadas. É um local bem visitado pelos palmenses. Tem um bom estacionamento e suas vias de acesso são sinalizadas de modo adequado. Após almoçar e caminhar pelo Shopping, Mirella pegou um táxi e seguiu para o centro de Palmas rumo ao hotel. Antes de chegar ao hotel observou que havia um barzinho com música ao vivo e pediu para descer. Ficou no local até às 22 horas, depois foi para o hotel. No dia seguinte, sairia para a Ilha do Bananal.

Ao chegar à Ilha do Bananal, Mirella ficou admirada com a beleza do lugar. Recordou que estava na maior ilha fluvial do mundo. A ilha do Bananal é contornada pelos rios Araguaia, à esquerda, e o rio Javaé, à direita. No seu interior, é cortada por vários mananciais que desaguam no Araguaia, entre os quais, os rios Formoso, Piranhas, Caiapó, Dueré, Xavante e Urubu. Tem também, muitos lagos, alguns circundados de pitoresca vegetação ciliar.

A ilha do Bananal é uma região de transição de três biomas: Cerrado, Floresta Amazônica e Pantanal. — Que beleza, meu Deus! Pensou Mirella. E essa riqueza toda está localizada totalmente em solo tocantinense. Conheceu as mulheres da tribo Karajás, ouviu como elas fabricam as bonecas Ritxòkó. A confecção dessas figuras de cerâmica é uma atividade exclusiva das mulheres e envolve técnicas e modos de fazer considerados tradicionais e transmitidos de geração em geração. A Ritxòkó retrata duas fases, a antiga e a moderna. Na primeira fase, sem os membros, ela representa os seres místicos espirituais e são lúdicas e pedagógicas. Na segunda fase, a moderna, ela vem com todos os membros e retrata o cotidiano familiar. Mirella ouviu tudo em silêncio e depois comprou uma boneca para levar para o senhor Batista, como lembrança. Certamente ele a colocaria no seu escritório como símbolo de poder. De volta para Palmas, porque iria ao Jalapão, Mirella, pensou: da próxima vez irei ao Cantão.

Ao chegar no Jalapão, Mirella ficou perplexa com a beleza do lugar —Quanta preservação da natureza ainda existe! O Jalapão está localizado no leste do estado do Tocantins, na tripla divisão: Maranhão, Piauí e Bahia. Possui uma área de 53 mil km². Sua maior parte está localizada no estado do Tocantins e abrange os municípios: Rio Sono, Lizarda, Novo Acordo, São Felix, Mateiros, Lagoa do Tocantins, Santa Tereza e Ponte Alta. O Jalapão é formado por belezas naturais e paisagens exuberantes. Tem lindas dunas para passeio de buggy. A Cachoeira do Formiga chama atenção pelas águas verdes e claras. É uma maravilha da natureza que precisa ser preservada. No Jalapão tem a comunidade Mumbuca que trabalha com o Capim Dourado na fabricação de artesanato. Para a esposa do senhor Batista, Mirella comprou uma bolsa e um par de brincos. Certamente, ela ficará muito feliz.

Mirella continuou sua exploração pelo “paraíso” Jalapão. Ficou encantada com os fervedouros, com a prainha do Rio Novo, as Cachoeiras do Formiga e da Velha e a famosa Pedra Furada. Ficou no Jalapão durante cinco dias de muitas atrações e sem celular, pois queria curtir tudo muito bem. Fotografar tudo, principalmente com a retina de seus olhos, porque são lembranças que ficarão em sua alma para sempre e que posteriormente serão compartilhadas com seus filhos, como fez seus pais com ela. Havia lido em um roteiro de viagem que o pôr do sol na Pedra Furada e nas dunas do Jalapão é uma experiência única, e que o nascer do sol na Serra do Espírito Santo também é significativo. Para isso foi preciso fazer uma trilha de uma hora mais ou menos para chegar ao platô da serra, mas a beleza do esplendor do nascer do sol valeu a pena todo esforço.

Ao entardecer, ela ficou esperando o pôr do sol e viu a beleza que extravasou suas expectativas. Chorou em silêncio ao lembrar de seus pais e durante o tempo que esteve lá, experienciou um misto de choro e sorrisos, beleza e tristeza remexendo dentro de si. Adormeceu pensando que deveria acordar cedo para ver o nascer do sol.

No dia seguinte, o guia turístico a chamou bem cedo para subir até chegar ao platô da serra do Espírito Santo, para ver o lindo nascer do sol. Foi outro momento emocionante, ela sentiu como se seus pais estivessem com ela ali dizendo: — Que bom que você veio! O guia turístico esperou com tranquilidade e depois a chamou para voltar ao acampamento, pois iriam conhecer um dos fervedouros. Seria o fervedouro Bela Vista. O poço de água é um dos maiores do Jalapão. A cor da água é de um azul impressionante e a transparência permite lindas fotos ao mergulhar. A potência da nascente é ótima para flutuação. Tem um deck de madeira na área externa para ajudar na descida para o poço, tudo é impressionante. Mirella se deixou flutuar nessa água azul e ficou um bom tempo nesse movimento delicioso da água, boiando sem afundar.

No outro dia, foi a vez de conhecer a Cachoeira do Formiga. Lá, Mirella ficou encantada com a cor da água que era verde com um ponto azul bem ao fundo. Depois, entrou na piscina de água abaixo da cachoeira. Ficou ali contemplando a natureza e agradecendo aos seus pais.

No outro dia, foi conhecer a Cachoeira da Velha. Essa Cachoeira tem a maior queda d'água do Parque Estadual do Jalapão. É simplesmente impressionante! Todos deveriam ter o prazer de conhecê-la. Enquanto estava lá, pensou que, ao voltar às suas atividades, escreveria um resumo sobre os lugares que visitou e daria ao senhor Batista. – Tenho certeza de que ele viverá melhor se fizer uma viagem para descansar aqui no Jalapão. Ele, certamente, ficará revigorado. Bem, vou ver se consigo falar com ele a respeito...até posso conseguir, mas convencê-lo a vir será outra história... Bom, cada um escolhe viver como entende que está certo. Eu vim e vi esse lugar e não esquecerei nunca.

No dia em que foi conhecer a Cachoeira da Velha, Mirella, decidiu fazer um *rafting* para poder vê-la e senti-la por completo, porque apenas com o *rafting* é possível ver o outro lado da cachoeira que é formado por dois arcos. É um esporte que requer espírito de aventura e coragem, pois a força das águas intimida. A descida começa aos pés da queda d'água, no Rio Novo. Ao voltar para o acampamento ela estava cansada e faminta. Foi dormir cedo. Teve um sonho longo e conturbado. Sonhou que estava sentada vendo o pôr do sol com seus pais. Eles estavam conversando felizes e, de repente, ela foi arrastada por uma areia movediça e começou a gritar: Papai! Papai! Mamãe!!! Mas seus pais não conseguiram salvá-la. Acordou suada, chorando e com sede. Não conseguiu dormir mais até o amanhecer. Ficou deitada um pouco mais. Sentia saudades de seus pais e um certo desânimo tomou conta dela. Decidiu ficar no acampamento e ler um pouco sobre a cultura do Tocantins. Havia comprado um livro do professor Júnior Batista do Nascimento, no Shopping Capim Dourado. Começou pelo título – Tocantins: história e geografia. Folheou o livro, leu o sumário e escolheu ler sobre a Unidade 5: Memória do nosso território. Concentrou-se na leitura e quando chegou na página 88, que apresenta as festas culturais, parou e refletiu, como seria bom fazer essa viagem com seus pais. Seus pais compareciam às festas do Divino Espírito Santo e à Romaria do Senhor do Bonfim. Em uma ocasião, ela também os acompanhou na Romaria do Bonfim, lembrou com saudades. Essa festa acontece em 3 municípios: Natividade, Araguacema e Tabocão. Foi no festejo do Tabocão que ela foi. Havia sentido muita emoção por subir o morro e entrar na capela para rezar. A noite já estava chegando e ela continuava deitada lendo. Comeu e foi dormir. Amanhã teria mais aventuras.

O dia amanheceu lindo, e Mirella estava descansada, pois conseguiu dormir bem. O guia turístico a levou para ver a Pedra Furada. A rocha é um grande bloco de arenito. Foi esculpida naturalmente pela ação dos ventos e das chuvas, foi realmente uma ação da natureza. Com o processo erosivo foi formado na rocha diversos portais magníficos. A Pedra Furada fica em uma propriedade particular, mas recebe turistas das 7h às 17h30min. A vista do pôr do sol na Pedra Furada é muito linda, é algo que somente experienciando para ter realmente palavras para descrever. A Pedra Furada é monumental! Mirella ficou agradecida por tudo o que pôde ver e pelas experiências que viveu. Chegou o dia de voltar a Palmas e logo em seguida para São Paulo.

Chegou a Palmas no final do dia e foi descansar. Enquanto descansava, deu uma olhada no celular. Havia muitas mensagens, várias chamadas do senhor Batista. Uma mensagem em particular chamou sua atenção: – Por que Paulo estava entrando em contato com ela? Já tinham conversado e dito tudo um para o outro.

Mirela começou a ler a mensagem no *WhatsApp* e parou pensativa... Não que Paulo seja uma pessoa ruim, não, longe disso. Ele sempre foi cortês e muito educado, respeitador, mas ela não conseguia sentir nada mais do que amizade por ele. Havia tentado manter um romance, mas quando ele propôs casamento ela pediu para conversar e terminou tudo. Explicou que o admirava como pessoa, que gostava muito dele, mas casamento não estava realmente em seus planos. Ela pensa em voltar aos Estados Unidos e cuidar das empresas do senhor Batista, de forma que, se aceitasse o pedido de casamento de Paulo não poderia continuar com sua vida profissional da forma que já estava planejada. Respirou fundo, escreveu um texto falando sobre a sua viagem e como o Tocantins é lindo com seus recursos naturais. Junto ao texto, enviou uma foto da Pedra Furada e mencionou que, a depender do modo como se olha a abertura entre as rochas, faz parecer o mapa do Tocantins. Logo após, ela respondeu outras mensagens e entrou em contato com os avós. Foi uma longa conversa, sorriram, choraram e fizeram juras de que no próximo ano viajariam com ela para fazer essa viagem turística. Desligaram e ela foi tomar banho e se preparar para sair e comer. Não ligou para o senhor Batista.

Acordou e foi direto para o café da manhã. Depois, seguiu para o aeroporto. Chegou em São Paulo à tarde. Ao sair do aeroporto de Guarulhos, mal entrou no táxi recebeu uma ligação do senhor Batista perguntando: — Já está aqui? Sei que sim. Bom, espero ver-te amanhã às 8h na minha sala. Está bem? Mirella respondeu somente: — Sim!

Na manhã seguinte, às 8h, Mirella estava frente ao senhor Batista e entregou a boneca Ritxòkó para ele, juntamente com a bolsa e os brincos de capim dourado que havia comprado para a esposa dele. Apesar de todo carinho que eles tinham com ela, Mirella nunca deixou de agir com profissionalismo com eles. O Senhor Batista brincou: — Agora vamos brincar de casinha? Eu tenho uma boneca! E começou a sorrir e abraçou Mirella com gratidão. — Bom, disse ele, vamos aos negócios. Quero que vá para os Estados Unidos esta semana e cuide da empresa lá. Estou preocupado, parece que estamos perdendo terreno. Mirella ficou preocupada: — Como assim, perdendo terreno? O que o senhor quer dizer exatamente com isso?

— Calma! Não precisa ficar apreensiva. Não é nada que você não resolva. Confio em ti. Por isso estava tão nervoso quando te liguei. Até peço desculpas por parecer ignorante quanto ao seu local de origem.

— Desculpas aceitas! Então vamos aos negócios, como o senhor sempre fala.

Mirella ficou na empresa aquele dia todo. Comprou comida e comeu no restaurante da empresa e voltou logo para seu escritório. — Terei muito trabalho até o final de semana, pensou em voz alta. Nossa! E meus avós? Como farei para contar para eles sem os deixar tristes. Bem, minha avó é mais prática com essas questões. Nesse momento, lembrou-se do pai: puxou à minha avó e eu também, pois somos bem parecidos nas questões práticas, mas em compensação em relação às questões de ordens sentimentais parecemo-nos com o vovô. Finalmente, o dia terminou, e ela foi direto para a casa dos avós. Teria uma longa conversa com eles, pois estava indo passar uma boa temporada nos Estados Unidos. Mais adiante os levaria para ficar algum tempo com ela, pensou.

— Meus amores, preciso conversar um assunto muito importante com vocês! Prontos para vivermos uma nova etapa? Os avós disseram que sim, mas estavam apreensivos. Mirella contou todo o

planejamento e que iria viajar no final de semana. Ambos choraram e se abraçaram. Mirella teve que prometer que voltaria em um ano para as férias e levá-los para passear no Tocantins. Foram dormir e ela voltou para seu apartamento. Gostava de ficar em sua própria companhia, de ler, de pensar...

A viagem para os Estados Unidos foi tranquila. Agora, ela estava em seu escritório no centro de Manhattan e estava escolhendo duas fotos para fazer uma plotagem na parede do escritório. Por fim, Mirella escolheu a foto da Pedra Furada para ficar colocada na parede atrás de sua cadeira e, à frente ficaria uma foto da Cachoeira da Velha. Assim, ela manteria sua origem sempre viva, como também demonstrava, para quem fosse falar com ela, as belezas do Brasil.

Um dia, Mirella estava passeando pelo Central Park e escutou a conversação de algumas pessoas. Viu que eram brasileiros e percebeu que estavam precisando de ajuda, pois não falavam bem o inglês. Aproximou-se e ofereceu ajuda. Qual foi sua surpresa, quando descobriu que um dos jovens era da cidade de Porto Nacional. Começaram a conversar e foi um dia muito divertido. Ela ficou sabendo que eles eram médicos e que estavam passando férias por lá. Mirella contou um pouco sobre a sua vida e explicou que estava morando em New York a trabalho, por quase dez anos ao todo, pois viveu cinco anos consecutivos na cidade, voltou para o Brasil e depois voltou para ficar mais cinco anos, que já estavam terminando em dezembro. Conversaram tanto que Mirella contou que fez uma viagem ao Tocantins e conheceu a Ilha do Bananal e o Jalapão. Contou que voltaria para levar seus avós, pois eles queriam fazer uma viagem para conhecer as belezas tocantinenses. Despediram-se, mas antes, trocaram contatos.

Na segunda-feira, Mirella trabalhou animada e de vez em quando lembrava do belo sorriso de um dos novos amigos. Já era à tarde e a lembrança do jovem não saía de sua cabeça. Começou a pensar que isso parecia loucura, pois ela era uma mulher com maturidade suficiente para não acreditar em amor à primeira vista. Estava pensando nisso, quando o telefone tocou e ela viu o número de quem estava ligando. Ficou nervosa.

— Pareço uma adolescente recebendo a primeira ligação do namorado. Que namorado que nada! Nem nos conhecemos direito. Deixou tocar mais de uma vez e atendeu. — Alô! Que surpresa! Do outro lado da linha a voz soou meiga e disse calmamente:

— Não consegui te esquecer. Você tem uma presença marcante. Quero saber se quer sair para jantar comigo, então resolvi ligar.

Houve um silêncio, e o jovem perguntou:

— Então? Aceita?

Mirella assustou-se e respondeu:

— Sim!

À noite, Mirella desceu e encontrou seu acompanhante esperando por ela na portaria do prédio. — Nossa, como você está linda, Mirella! — Você também está muito bem, doutor Sebastião! Saíram sorrindo e entraram no carro. O jantar transcorreu cheio de sorrisos. Na volta, quando Mirella desceu do carro, Sebastião a segurou e deu-lhe, rapidamente, um leve beijo nos lábios e saiu. Mirella entrou em seu apartamento e ficou pensando em tudo.

— O que foi isso!? Será que estamos namorando? Já nem sei como é ter um namorado. Faz tanto tempo que não me permito fazer outra coisa que somente trabalhar. Bem, vamos dar tempo ao tempo. Veremos se ele vai fazer contato novamente. Enquanto ela estava refletindo a respeito desse encontro, seu celular tocou. Ao ver quem era, seu rosto ficou corado. — Meu Deus! É ele!

— Oi!

— Oi! Estou impressionado comigo, preciso falar isso para você. Nunca estive tão “encantado” por alguém como estou agora. Amanhã voltarei para o Brasil e quero saber se posso fazer contato contigo, pois quero que sejamos mais que amigos. Sei que é tudo novo para você quanto para mim, mas penso que devemos nos dar essa chance para nos conhecermos melhor. O que pensas? Mirella respondeu rápido dessa vez: — Concordo contigo. Eu também quero isso. Conversaram mais um pouco e se despediram.

Na manhã seguinte, Mirella ligou para os avós antes de sair para trabalhar. Contou tudo sobre o encontro e o jantar com o jovem tocantinense. Seu avô respondeu:

— É, parece que vamos finalmente morar no Tocantins e começou a sorrir. Mirella, ficou vermelha como um tomate e disse:

— Vovô! Você não perde essa mania de querer me casar.

Dezembro chegou com suas cores de Natal e New York é realmente linda nesse tempo. Entretanto, a alegria de Mirella era porque estava se preparando para voltar ao Brasil. Havia cumprido o contrato com o senhor Batista e agora estava pronta para abraçar uma nova vida com mais tranquilidade. Havia combinado com os avós que passariam o Natal na casa dos pais de Sebastião em Porto Nacional e depois começariam a excursão pelos pontos turísticos tocantinenses.

— Alô, vovô! Já estou saindo do aeroporto para casa. Onde o senhor está?

— Estou bem aqui próximo de você minha linda filha. Que saudades! Se abraçaram e choraram. Mirella disse: — Ei, está parecendo uma criança! — Você também! Respondeu ele.

— Onde está a vovó?

— Está em casa. Sabe como ela é, né? Toda racional...

— Vamos? Seguiram felizes e conversando sobre as férias que tinham programado.

— Viver é muito bom! Pensou Mirella.

Doce de buriti

Zara Maria Oliveira

Denise coçava a perna, emburrada. Suava, o mato alto pinicava a pele descoberta - a avó tinha avisado que era melhor usar calça, mas a garota não tinha dado ouvidos - e, principalmente, o sol de rachar fazia até a área sombreada da mata parecer um forno. Nem queria ter vindo, mas sua mãe tinha deixado bem claro que aquilo não era um convite, ela iria para a chácara e pronto, sem discussão. No caminho de carro, ainda ouviu um longo sermão sobre tradição da família, natureza, tempo com os avós e mais mil coisas que a adolescente de 13 anos tinha deixado entrar por um ouvido e sair pelo outro.

- Ufa! o avô deixou cair dos ombros o peso que carregava. - Olha o tanto de buriti que deu pra pegar! Abriu o saco de estopa cheio até o topo.

- Hum - a garota fez um muxoxo, jogando dentro do saco os buritis caídos que o avô tinha mandado que ela reunisse.

As sobancelhas grisalhas se curvaram no cenho franzido com um toque de mágoa e ele colocou seu chapéu de pano na cabeça coberta de ralos fios brancos. Segurou uma ponta do carregamento e apontou a outra com a cabeça. Assim, junto com a menina, carregou os frutos do trabalho árduo das últimas horas sob o sol radiante das 11. No caminho, o avô assobiava alegremente a despeito do esforço, sua pele negra brilhando de suor em contraste com o rosto vermelho e irritado da neta. Denise arfava, tentando manter a coisa toda fora do chão sem deixar a boca do saco abrir, derrubando buritis no caminho. Parte de si sabia que não estava sendo muito legal, mas a parte sua que prevalecia estava mal-humorada. Ela não entendia por que tinha que fazer aquilo de se meter no meio do mato, entre os insetos e os arbustos espinhentos, naquela casa sem eletricidade e internet. Não entendia como alguém iria querer ficar ali de propósito.

Absolutamente, não entendia a mãe e a avó por gostarem tanto assim de mato, mas seu avô era a pessoa que fazia ainda menos sentido para a menina. Ele praticamente não parava quieto, vivia no meio do mato ou fazendo algum trabalho na pequena roça que tinha na chácara, subindo em árvores e carregando peso - até a nora ver e brigar com ele. Vez ou outra ainda trazia uma abóbora, contente. Ela imaginava que com a idade dele estaria só deitada em uma rede, sem se esforçar muito para qualquer coisa, aproveitando o dinheiro da aposentadoria. Mas o velhinho era talvez a pessoa mais ativa da família. Na cidade, todo dia, às 4 da tarde, ia para o Parque Cimba caminhar e se exercitar. Denise também não via muito a graça disso, preferia ficar em casa, aproveitando a internet e o ventilador. E suando sob aquele sol, desejava mais que tudo um ventilador.

Dora observou seu sogro e sua filha subindo a ladeira de terra enquanto emergiam da floresta com o enorme saco de buritis. Pousou a mão que picava os tomates na pia e deu um sorrisinho com a cara enfezada da adolescente. Só assim para Denise pegar um pouco de sol na cara e largar o celular - que estava muito bem guardadinho em um lugar que só a mãe sabia onde. Gostava de ver a menina passando mais tempo com os avós, aproveitando o ar fresco, queria ter tido a mesma oportunidade quando criança. Com um sorriso triste, voltou ao que estava fazendo na preparação do almoço.

— Está entregue. Disse o senhor idoso, sem nenhum resquício de cansaço na voz, colocando o saco de buritis no chão, aos pés da esposa, que sorriu, satisfeita.

— Já, já sai um doce de buriti gostoso, hein? A idosa comentou para a neta.

— Legal! Foi a resposta cansada ao se jogar na rede mais próxima. — Tá tão calor!

— Daqui a pouco a gente desce pro rio! a mãe prometeu, terminando a salada do almoço.

A menina suspirou e ficou olhando o horizonte, se balançando. O vento quente batia contra seu rosto trazendo um pouco da areia alaranjada para dentro da varanda. Continuava extremamente infeliz, só que agora cansada. E entediada. O cheiro da carne assando na churrasqueira e da lenha queimando embaixo da panela de doce se misturou ao cheiro de fumaça no ar, formando espirais que rodeavam Denise. Ela, por sua vez, não movia um músculo. Observava apaticamente o paredão de árvores se estendendo por quilômetros abaixo e pensava no que estaria acontecendo no mundo lá fora, que novos vídeos tinham chegado no Youtube, que mensagens tinham mandado no grupo, o que estaria perdendo estando no meio do nada.

Foi então que viu o bicho.

De longe, parecia um cachorro caramelo muito alto. Encarava a garota de longe, parado, mas bastou ela se levantar, confusa, para ele se retrair e correr para o meio das árvores.

— Ô, mãe! Gritou, o que foi desnecessário, já que a mulher estava ao seu lado, boquiaberta — Viu isso?!

A mulher assentiu, ainda surpresa, e o avô apareceu lá embaixo da ladeira, diminuto, chamando as duas com o braço. Não hesitaram. Débora, a avó, até chegou a perguntar o que era o motivo da correria, mas só responderam que viram “uma coisa” e ela decidiu ficar na casa mesmo. Não queria sair no sol e nem largar sua panela de futuro doce de buriti.

Dora e Denise desceram a ladeira de terra avermelhada a toda velocidade e encontraram o avô parado. Ele mandou que fizessem silêncio e se abaixou, se escondendo um pouco atrás de um arbusto. A menina o imitou e ele apontou para que ela olhasse através de um buraco entre as folhas. Bastou virar o rosto para que instantaneamente os olhos dela se arregalassem, encantados. O animal estava logo ali e ele era comprido e magro. Parecia uma raposa com sua pelagem alaranjada, mas tinha pernas longas cobertas de pelo preto, como o dorso. O focinho pequeno lembrava o de um cachorro, mas as orelhas eram grandes demais para serem de cão. Era tão esquisito e bonito.

O momento de admiração não demorou muito. Logo o animal notou a presença de estranhos e auliu, soltando seu “latido” rouco para os estranhos. Denise se assustou e piscou enquanto ele fugia, arisco.

— Eles são bem tímidos, fogem de humanos. Explicou o idoso para a garota espantada.

O avô explicou que aquilo era um lobo-guará e que provavelmente estava comendo os restos de comida que o pessoal das chácaras jogava ali perto. Daí a menina começou a fazer mais e mais perguntas sobre animais e o cerrado, o que levou o avô a falar de suas viagens pelo Tocantins, o que levou a mais e mais perguntas. A mãe sorria, achando graça da súbita curiosidade da filha por animais.

Denise soluçou com essa lembrança e coçou distraidamente as picadas de muriçoca por baixo do vestido preto. Aquele dia na chácara tinha sido ótimo. Os seguintes também. Passou quanto tempo pôde com seu careca favorito e agora o corpo dele repousava placidamente naquele caixão no centro da sala. As lágrimas desciam em cachoeiras e os soluços impediam que falasse qualquer coisa, mas, ao olhar para a mãe chorosa que a abraçava, naquela sala cheia de pessoas de luto, a lembrança desse dia na chácara voltava com tudo para as duas. No peito, por baixo da saudade dóida que continuaria, ela sentia gratidão, porque seu avô tinha sido um docinho de buriti na vida dela e deixava para ela uma herança de memórias felizes.

CAPÍTULO 2 – CRÔNICAS

Neste capítulo, o conjunto de quatro crônicas dão ao leitor a oportunidade de acesso a informações que transitam na realidade de diferentes cidadãos.

As crônicas que constituem este capítulo revelam situações que fazem parte de um dia a dia atravessados por situações desafiadoras. O direito à escola, a convivência entre os amigos, a amizade que apenas parece sincera.

Tudo. Tudo o que transita nos discursos dos sujeitos afetados por um eu não satisfeito ou não atendido em seus anseios e direitos sociais são representadas buscas quase infundáveis.

O convite à leitura destas crônicas representa um universo de descoberta sobre aquilo que marca e o modo como cada cidadão é, também, marcado em sua trajetória social.



Quase cidadãos!

Rubens Martins da Silva

O encontro na porta da escola era sempre um dos melhores momentos. As conversas fluíam livremente. As informações sobre as provas, as leituras e atividades eram socializadas com alegria, principalmente para falar das boas notas obtidas. Mas havia também as conversas sobre os namoros, os fuxicos, as notas ruins.

Ao primeiro movimento de abertura do portão escolar, os estudantes iniciavam o percurso rumo às salas de aula. É certo que havia um pouco de correria, mas tudo dentro da normalidade. Fora uns empurrões (coisas consideradas normais aos quase adolescentes), a escolha da carteira e o sentar-se no mesmo lugar era rotina.

O início da aula era um dos momentos mais esperados. O que os professores trariam de novidade? O que se aprenderia em cada disciplina? Como dar ouvidos e atenção a cada professor durante as aulas? Essas eram as expectativas que inquietavam aqueles jovens cidadãos nos espaços escolares. Assim se repetia a rotina escolar.

Em mais um início de ano letivo, um dos adolescentes, rapaz quieto, começara a frequentar aquela escola para estudar o ensino fundamental de segunda fase. Naquele dia, quase findando o primeiro mês de aulas, logo após chegar à sala de aula, ele fora convidado pelo Serviço de Orientação Escolar para explicar o motivo de não estar vestindo o uniforme escolar. Sua conversa branda não convencera a funcionária da escola que o ameaçara de ficar fora da escola se não viesse com a camisa correta, a que constava o nome do colégio e do governo. Por três dias o jovem adolescente ficou em casa. Aos pais, dissera que não haveria aula naqueles dias. Na verdade, ele estava mentindo.

Logo no início do quarto dia, um bilhete levado por um colega questionava o porquê de suas ausências às aulas. Os pais, uma família de situação financeira muito pobre, descobriram que o filho não estava indo às aulas porque não tinha o uniforme padrão. Na verdade, as roupas que ele possuía eram apenas umas três camisetas, uma calça e dois shorts. Além dele, havia também quatro irmãos. Eram pobres e estavam impedidos de ir à escola por falta de roupas adequadas. É o uniforme que dita o que é ser um cidadão digno ao estudo? A escola foi elaborada para ricos ou para todos? Será que ele não tinha direito de frequentar a escola? A família dependia do Bolsa Família.

Animadamente, na sala oposta, um adolescente de cabelo liso e olhos amparados por um par de óculos dava os primeiros sinais de um estudante vestido a caráter. Camisa e calça de uniforme. Tudo padronizado. Cadernos novos, canetas, lápis. Este aluno, certa vez, era elogiado pelos professores e demais funcionários da escola por sua postura estudantil. Na verdade, por seu perfil de roupas padronizadas. Estava sempre de uniforme.

Era ao barulho de cinco ventiladores que aqueles adolescentes tentavam assimilar os conteúdos de cada disciplina. O calor não permitia uma concentração adequada. A sala era pequena. Em aproximados 36 m² e o suor de 40 estudantes exalava o odor de esperança. O espaço destinado ao professor comportava uma mesa e uma cadeira, os quais limitavam sua locomoção. Mas de lá condu-

zia os estudos à esperança irradiada dos olhos daqueles adolescentes.

O lanche, um copo de suco com seis bolachas, era um momento de alegria para aqueles pequenos cidadãos. Para boa parte dos que estudavam, esse lanche era a primeira refeição do dia. O recreio, limitado pelo espaço físico, era também um dos melhores momentos. Alguns corriam, outros jogavam bola e outros se desentendiam trocando piadas, socos, agressões, *bullying*.

A reprovação era para boa parte dos professores o discurso de justiça. Os alunos precisavam ficar reprovados para “aprender a valorizar os estudos”.

No final do turno letivo, os olhos daquele adolescente estavam explodindo em alegria. A certeza de ter aprendido um pouco mais sobre gramática, matemática, história, ciências indicava a possibilidade de ingressar no ensino superior. Apesar desse ânimo, o índice de aprovação, que embora limitado a 48%, indicava a realização de um trabalho duro, de um trabalho sério realizado pelos professores e pela escola. No entanto, será que a escola saberia o motivo dos 52% de alunos reprovados?

Será que aquele adolescente sem a camisa do uniforme oficial estaria entre eles? Como a escola está lidando com a situação dos alunos pobres, bem como daqueles que vivem em condições de extrema pobreza? Será que eles não podem frequentar a escola, apenas por que não têm o uniforme?

Em resposta aos impedimentos burocráticos que regem o acesso à escola, no encerramento do ano letivo, os pais daquele adolescente foram para receber o boletim escolar de seu filho. Do resultado constava a situação de “aprovado”, apesar de o aluno ter enfrentado o sistema, bem como de ter lidado diariamente com a baixa condição financeira da família. Às vezes, não basta ter uniforme, é necessário persistência e objetivo naquilo que se quer alcançar.

Talheres e ouvidos no RU

Rubens Martins da Silva

Novamente, encontrava-me na fila ainda bem pequena com uma imensa vontade de almoçar. Dinheiro na mão; carteirinha também. Almoço pronto no Restaurante Universitário (RU): uma delícia.

Logo peguei minha bandeja e talheres.

Nova fila.

Adicionei um pouco de alface, tomate, berinjela, batatinha refogada: alimentos *lights* (ou não?).

Lá no canto do refeitório, avistei uma mesa desocupada: sentei-me!

Após alguns minutos, sentaram-se ao meu lado quatro jovens estudantes: um rapaz e três moças.

Logo percebi que eram do mesmo curso. Que tinham amigos comuns. Que partilhavam de sonhos semelhantes.

Com os meus ouvidos atentos, passei a acompanhar os seus discursos.

Uma das moças falou que se aquele fulano fosse sentar-se perto dela, logo se retiraria da mesa: estava chateada com as últimas palavras dele.

A outra moça disse que o fulano se mostrava mais esquisito naqueles últimos dias. A terceira moça, em tom de voz bastante calma, dissera que não entendia o porquê de amiga fulana de tal ainda se mostrar contente com aquele namorado grosseiro. Na verdade, ele era tão grosseiro que ninguém o aturava.

Calado, porém, ouvindo tudo, continuei meu almoço.

Mastiguei lentamente para degustar aquela conversa: ouvidos abertos!

Logo o jovem rapaz tirara do bolso seu esplêndido celular para compartilhar uma mensagem que aquele fulano tinha enviado a respeito da fulana de tal.

A mensagem dizia, segundo meus ouvidos capturaram, que ele era daquele jeito e que não mudaria. Se ela o quisesse, que fosse daquela maneira.

Rapidamente a mais nova das moças disse que a fulana de tal era muito boba. Disse ainda que aquele rapaz não a merecia.

Entendi que aquele fulano era tão chato que ninguém gostava dele.

Pensei até em arriscar uma palavra. Mas contentei-me em apenas ouvi-los. Continuei degustando minha refeição. Os colegas de mesa também.

O silêncio pairou por uns instantes, certamente porque a comida estava deliciosa!

Em tom um pouco baixo, tal qual confessando o que não era permitido, ouvi de uma das moças que estava se sentindo chateada com a fulana de tal. Ela também não era de confiança.

O amigo dissera o mesmo. Sempre desconfiava de que a fulana de tal não guardava segredo.

No último final de semana seu amigo foi importuná-lo para saber o porquê daquela história. A história de que eles tinham dito algo ruim, segundo a mensagem transmitida pela fulana de tal no grupo de diálogo no *WhatsApp*.

Em silêncio, percebi que os amigos são, em boa parte das ocasiões, inimigos. Eu, por exemplo, se tivesse saído em defesa do fulano e da fulana de tal seria um alguém entrando num terreno minado.

Acabei a refeição. Levantei-me!

Aos poucos afastei-me dos jovens. Depositei meus talhares no recipiente específico e, com os ouvidos já ausentes das vozes daqueles jovens, segui meu caminho na expectativa de um novo retorno para ouvir uma nova história de amigos.

Quando o amor foge do paraíso

Karollyne Pereira dos Santos Alves

O que farias tu, se teu amor fugisse de Paraíso?

Enyllorak, com passos lentos e límpidos, põe-se a caminhar em direção aos degraus do grande ônibus verde que por diversas e densas viagens feitas põe-se a estacionar em frente à parada a ranger as suas ferrugens.

Cumprimenta o moço com o bom dia majestoso e sereno de sempre. Ao passar pela catraca lembra-se, espontaneamente, que vai deixar mais uma vez a querida Paraíso para seguir a estrada da sua vida profissional.

Em pouco tempo de viagem, Eny se dá conta do quanto é frívola essa sensação que entorpe o estômago. Perfaz o mesmo caminho cotidianamente, mas se abstém de acostumar-se a deixar o seu pequeno paraíso.

Em busca de adquirir mais conhecimento, põe-se a sentar-se no banco velho e desconfortável de sempre. Na esperança de que o trajeto não seja cansativo, inicia a leitura do jornal em mais uma daquelas cenas entediantes. São cenas de quem está à espera dos enlances de romance entre o casal principal que chega a arrepiar até o mais pobre e exaurido coração.

Acompanhando as notícias da cidade se encontrou a distrair-se daquela uma hora de viagem que parece ser ininterrupta, portava-se mais uma vez a sentar-se lateralmente a observar atentamente por fora da janela os galhos retorcidos dos pequizeiros e cajueiros presentes no seu sertão. Por mais que esse tempo de viagem a trouxesse o gosto amargo de fel a boca, colocava-se a pensar e analisar o cotidiano que a cercava ao fundo do ônibus em que se encontrava.

Percebendo-se adjunto a ela, apesar de não gozar de qualquer companhia, o tédio. Que por constantes encontros já se fez familiar à presença e analisando os murmurinhos que lá se achegavam, das mulheres à frente, e um senhor engomado a falar ao telefone como se de alguma forma configurasse uma autoridade. Percebia na fala de cada um, enlace sôfrego àquela rotina, mas não se sabia o porquê.

Os dias em que o ônibus vai cheio, Eny sentia como se acalentasse com maior destreza a sua falta de preenchimento, e se colocava a pensar com nitidez e clareza que as pessoas que a cercavam eram apenas desconhecidas. Não tendo nenhum sequer significado corriqueiro. Somente a função de preencher os bancos e de alguma forma a solidão de Eny ou somente uma pequena parcela dela. Desconhecidos, que de alguma maneira sentia falta. Falta do calor humano que faziam ali sentados à espera de retornar a um lugar que nem todos hão de chamar de casa. Personagens figurativas da vida.

E aquilo que a condensa a certa estagnação com uma inquietação ardente, como quem está a encarar-se com o celestial e a prender-se em seu olhar de júbilo e ao mesmo tempo julgador. Trabalhava-lhe a garganta enquanto se apreciava as paisagens ao redor da sua vista cansada. Abril mal estava por começar e já se sentia maio a jogar o laço ao sol que se esconde tímido entre as posteriores nuvens ao céu. O celestial estava a julgá-la como se quisesse saber de onde nascera e para onde engatinhará mais uma vez e em busca de quê.

Daquele ventre materno que cerca o Tocantins, se põem a nascer filhos sutis, e não é por suas sutilezas que a casca ao redor se põe a ser frágil, como aquela dos pequis. Com as desigualdades do Norte, o filho do Tocantins se torna ágil. Como se escapasse das ausências sociais, como quem está a se esconder dos terríveis mananciais de pobreza e miséria que se entorna ao meio da maioria dos filhos de capataz.

É pungente a força do tocantinense entre meados de agostos, sofrendo com a seca e os seus desgostos, como aquela falta de saneamento básico, como os esgotos. Bebendo da água mais escassa e ante límpida, com gosto. Eny estava cansada de tanto sofrimento, pois suas mãos e seu coração ficarão sem alento ao ter que deixar sua terra natal, a cidade de Paraíso. Aos poucos engatinhará, assim como aos outros desconhecidos, na capital. Buscando aquilo que falta no seu “quintal”. O amor por Paraíso nunca haverá de abandoná-la. Mas Eny, abandoná-lo-á... que grande lástima!

À sombra da metade de um século

Odi Alexander Rocha da Silva

A Praça dos Girassóis é um ótimo lugar para caminhar no fim da tarde. Alguns preferem de manhã, mas eu sempre gosto à tarde. Mais precisamente, no fim de tarde, já que o bom senso manda obedecer aos médicos; o sol de Palmas imita ou, no mínimo, parece querer ser o mesmo do Saara. Entretanto, ao fim da tarde tudo fica mais fresco. É quase como se fosse de manhã cedo, mas, nessa hora, pelo menos, você não precisa brigar consigo mesmo para se levantar de uma cama fofinha.

Eu vejo as belezas dessa praça e penso em outras belezas que não as concretas. Por exemplo, poucos homens têm, como eu, a sorte de ter sogras que nos recebem como mães, que nos tratam como mães e que lembram, inclusive, de datas que são especiais para nós. Poucos homens, como eu, têm a sorte de ter sogras que não esquecem o dia de seu aniversário; quando ele chega, mandam uma mensagem (como a que hoje eu recebi e sobre a qual falarei) cheia de carinho e de meiguice, e que me fez pensar em muitas coisas para além desse dia.

Embora a mensagem fosse breve, ela me tocou muito porque se trata de algo que mexe de fato com coisas íntimas humanas. Fazer uma idade como a que fiz é chegar em um limiar diferente. A ideia é muito vasta. São cinco décadas que ficaram para trás. Mais ainda, você não tem muita certeza do que está pela frente entre outras razões, porque a percepção de tempo é outra. O tempo, agora, é mais especial, porque é o que ainda se tem e não um tempo jovem extenso o suficiente para se dar ao luxo de ser perdido. Isso vale também para essa praça e para o próprio Tocantins, o estado que me acolheu tão carinhosamente como minha sogra me acolheu quando entrei para a família.

Eu disse a ela, após o endereçamento comum de “minha querida segunda mãe”, e de “agradeço pela tão querida lembrança” que, enquanto meu aniversário chegava, pela data que representava, eu pensava que, embora se fale muito aqueles chavões-padrão de que há ciclos nas idades, de que um ciclo se vai e outro se abre e todos aqueles lugares-comuns de internet, a verdade mesmo, ao que parece, é que a idade está muito mais na cabeça da gente. Certas pessoas (e eu me incluo entre elas) não se sentem como tendo a idade que têm. No final das contas, o que se verifica é que a vida é o que a gente vive todos os dias, os desafios que se enfrenta e as alegrias que surgem (como a mensagem dela, por exemplo). Por isso, a conclusão a que eu chego é que a vida parece ser muito maior do que a própria idade que se vai fazendo.

Há os que falam nos “tempos áureos”, aqueles tempos que supostamente eram mais gloriosos que os atuais. Mas tudo o mais das vezes se resume a romantizar o passado. No espaço-tempo, o passado costuma se tornar poesia pela sua distância de nós quando é provável que, na vivência direta, ele não tenha sido tudo isso que as licenças-poéticas lhe atribuem. Há os que dizem que nasceram em época errada. Não sou dos que, como diz Nietzsche, nasceram póstumos. E, por isso, disse a ela: “se eu tivesse nascido em outra época não conheceria você. E, se não houvesse você eu não teria a sua filha, o amor da minha vida, que é suma de todos os tempos, todas as épocas e todos os amores. Uma verdadeira cápsula do tempo com quem celebro todo dia a força do amor que está acima do tempo. Eternidade não vem de tempo, mas de constância; é uma dimensão em que o tempo não passa porque

a passagem do tempo é o que menos importa quando o amor toma a decisão de viver para sempre no corpo, na alma, e no coração”.

Então, me surpreendi escrevendo a ela que, talvez, o mais desafiador do nosso tempo seja não apenas tentar conviver com as questões da idade que se faz, mas, a meu ver principalmente, o desafio é tentarmos saltar sobre as crenças que acabamos assimilando daqueles que assistiram ao nosso crescimento. Aqueles que nos viram crescer pertenciam a um mundo diferente e nos passaram o que viram. Ouvir/assimilar valores em tenra idade, significa cristalizar elementos que podem não ser fáceis de serem descartados depois. É como a Praça dos Girassóis. Uma vez a conhecendo, a beleza dela não sai de você. Você não pode negá-la porque ela teve o poder de comover você com tudo o que a natureza fez viver nela. Isso faz com que seja inesquecível para quem com ela convive, conviveu e que ainda conviverá.

Saltar sobre tudo o que assimilamos em um momento da vida em que a identidade está em formação tende a ser difícil, uma vez que é difícil mudar algo que foi assimilado em um momento em que ocorre tanta incorporação de valores, noções, direcionamentos. Eram as pessoas mais próximas de nós. Eram a nossa referência, assim como a referência daqui essa praça, que fica no centro da cidade (e no centro geodésico do país, como dizem e eu acredito). É uma questão de referência e referências são difíceis de serem abandonadas quando necessário. Mais ainda, muitas vezes, descobrimos que nossas referências tão queridas nos passaram coisas que, de algum modo, servem para nós para o presente e talvez até para o futuro. Aqueles que vieram antes de nós pensavam no mundo (e no conhecimento sobre ele) como algo fixo e estável. A própria vida era quase imutável. Não havia quebra de padrões, não havia a decisão de ser alguém diferente do que já era conhecido. Não havia a chance de enxergar a vida por horizontes mais amplos. A instabilidade atual, praticamente, põe diante dos nossos olhos que os assim chamados preparos da vida são muito mais para a assim chamada vida adulta. Entretanto, quem prepara para a velhice? E quem prepara para o que vem depois dela?

Olhando os girassóis que dão nome à praça, eu me lembrei de que disse também à minha sogra que, para além do mundo que desconstrói, o importante mesmo é que temos uns aos outros. O importante é que eu tenho a ela como segunda mãe. Eu tenho a minha esposa, a sua filha, em cujo amor me perco para poder me (re)encontrar. O amor é a única certeza da nossa realidade incerta. É o amor que nos ensina a confiar e a confiança dele adquirida é o que de fato nos prepara para a velhice e, eu creio, para o que vem depois dela. É no amor que se diluem as incertezas e, dessa diluição, surge uma alegria que se explica a si mesma e faz você perceber o quanto o amor é capaz de ir além de certeza e de tempo. E, para rematar, reproduzo aqui uma frase veemente que disse a ela: “Saber que eu tenho você, saber que tenho a minha esposa, sua filha, é a relevância das relevâncias porque a instabilidade do mundo não pode desconstruir afetos. Não aqueles, como o nosso, cuja liga não é deste mundo”.

Qual é a sentido disso tudo? Sim, para além do privilégio de ter sogras com quem vocês podem conversar assim, digam às pessoas o que vocês sentem por elas. Nunca se sabe sobre o dia de amanhã e, então, que a oportunidade de hoje não seja motivo para a culpa de amanhã. No sol da vida, você chega à sombra de um meio século em uma caminhada em escala espaço-temporal, evidentemente muito maior do que a minha de hoje. E, se possível, não esqueça de dizer à praça que você caminha

um muito obrigado por ela ser o lugar incrível que contribui para a manutenção da sua saúde. O que fica de verdade são as emoções, a verdadeira inteligência que expõe o que de fato é relevante na vida. A lembrança que vai ficar é a de que somos importantes para além do que se possa pensar a nosso respeito e isso nos faz seres especiais nesta terra. Embora não se saiba o dia de amanhã, no coração é sempre hoje quando se trata de dizer o que sentimos sobre quem nos ama e, em nos amando, participa das nossas dores, das nossas alegrias, das nossas incertezas e dos nossos destinos. Não sei se sentir essas coisas é implicação de fazer cinquenta anos. Mas o que eu sei de verdade é que essa idade é um momento em que a vida diz que está mais do que na hora não tanto de saber nosso lugar no mundo, mas de saber de quanto espaço o mundo deve ocupar para não nos impedir de valorizar o que dá sentido à arte de ser humano. Obrigado, Tocantins, por me permitir fazer parte da sua vida. E, apenas para constar, amo você, minha segunda mãe.

CAPÍTULO 3 – POESIAS

Neste capítulo, o tom poético toma forma nos discursos de vinte e cinco poesias.

Ambientadas em diversos espaços de cidades tocantinenses, a escrita é um convite a um verdadeiro passeio por diferentes lugares verdadeiramente paradisíacos.

Cada poesia congrega importantes mensagens embarcadas na densa subjetividade de seus autores ao expressarem um olhar estético sobre o lugar onde vivem ou de onde expressam seus sentidos, além das características sobre a apreciação da natureza tocantinense.

Os textos, de modo geral, representam um convite à percepção da exuberante força que a escrita tocantinense tem aos leitores, sejam eles admiradores ou amantes dessa arte, bem como aqueles que se encontram nos espaços de estudo da educação básica ou superior, ou ainda, por aqueles que apreciam essa literatura para a realização de pesquisas avançadas.

A leitura deste capítulo, ou melhor, destas poesias, é um convite ao deleite sobre a sensibilidade subjetiva de escritores que têm o Tocantins como seu recanto de inspiração poética.



Via Lago

Symone Elias

Olha! Olha e vê esse lugar!
Quanta harmonia transmite
Olha e enxerga, aprecia e admite
Quem o idealizou fez um convite
À apreciação da beleza
Ao deleite da natureza
Que esta Via exhibe.

Olha! Vê que céu!
Quantas tonalidades revela
Cores frias ao amanhecer
Uma pintura em aquarela
Que esquenta no entardecer.
Os de casa, ficam surpresos
Os visitantes, de coração aceso
Fotografando às margens do Lago.

Olha! Vê que calçadas largas!
Total sensação de liberdade
Qualquer tamanho ou idade
Consegue ficar à vontade.
Tem praia para andar descalço
E fincar os pés no chão
Para aliviar o cansaço da gente.
Tem vento para animar os cabelos
Na abertura das manhãs
E muito mais no sol poente.
Pessoas em bikes, transitando
No skate, patins ou andando
Correndo, dirigindo, pilotando...
A Via é feita de movimento
Seja contra ou a favor do vento.

Olha! Sente o cheiro!
As essências se apuram
Os sabores se misturam
Com as delícias do lugar.
O capricho de quem faz
E tempera com carinho
A pipoca com toucinho
Pizza, espetinhos, pastéis
Açaís com guloseimas, sorvetes
Água no coco geladinho
E o pôr do sol acalorado
Pede um copo de chopp gelado
Para as amizades brindar.

Olha! Vê a fauna!
Os filhotes das capivaras
Desfilando em família
Garças vestidas de noivas
Tem também os tracajás
Esperando que alguém
Os convide para jantar.

Olha! Aprenda a apreciar!
Via Lago é uma obra de arte
Esculpida pela inteligência
Projetada para ser referência
Arquitetura fina, ainda menina
Um espaço amplo de convivência
Nossa Via Lago, em Araguaína.

Rio Araguaia

Symone Elias

Lá vem ela, voando baixinho
Com seu par de asas longas
Desfilando num voo rasante
Olhar fixo e sempre adiante
Fitados na linha do horizonte
Sobre as águas do Araguaia.

Junto à garça, seguem os banzeiros
Soprados pelos ventos veraneios
Promovendo tímidas ondas
Que embalam barcos a remo,
Penteiam as praias de água doce
Expondo beleza e encanto
Sob o sol dourado escaldante
Do firme verão tocantinense.
Ao contrário das gélidas noites
Que reluzem glamourosas estrelas
Iluminando a lua empoderada
Que atravessa a noite nua
Dividindo o frio da madrugada.

Nas praias brancas,
Banhadas pelas marés,
Ficam as marcas dos pés
Dos que por ali peregrinam...
Rastros de animais que exibem
A liberdade que lhes é a concedida
Pela Mãe Terra, produtora da vida
E autorizada pela Deusa do Araguaia.

Um rio exuberante que nasce
De um curso de água da Serra Dourada
Do imponente estado do Goiás.
Sua vasta extensão faz dele
O rio mais piscoso do mundo
Onde a pesca é proveito de muitos.
O rio é movimento profundo
Uma obra de arte em exposição
Vê-se a vida através dos detalhes
Na beleza do céu, noite e dia
Na água que mata a sede
Que também refresca o calor
No vento que sopra brincando
Embalando os cabelos da morena
E as cangas das flores sertanejas
Elas, que levam beleza ao verão
Para completar a paisagem.

O Rio Araguaia é uma herança
Que precisamos valorizar
Cuidando com amor e respeito
Para que jamais perca o efeito
E a razão de apreciar.
Enquanto houver oportunidade
Pegaremos a estrada
E sairemos da cidade
Para ir ao seu encontro
Em busca de lazer, diversão e prazer
Que a Mãe Terra criou para nos oferecer.

A Ilha de São José II

Antonio Brito

Da Ilha de São José,
Todos nós vimos falar
Com a formação do Lago
Ela veio se acabar
Ficou só a procissão
Para sempre nos lembrar.

Ficou sempre na lembrança
Essa grande procissão,
Saindo da velha Ilha,
Cortando a nossa região,
Com a formação do Lago,
Tudo isso veio ao chão.

Mas todo ano no mês de março
Reunidos para comemorar
Iniciando na Igreja
Com o povo a rezar
Seguindo em procissão
Para nos barcos embarcar.

Lá todos estão enfeitados
Com o povo a embarcar
Comemorando este dia
Que sempre vamos lembrar
Da Ilha de São José,
Fazendo o povo chorar.

Essa grande procissão
Saindo do Cais ou do Porto
Todos estão muito alegres
Saindo desta estação
Vamos navegar no Lago
Com grande satisfação.

Chegando aos pés da imagem
Todos vão desembarcar,
Em reverência a São José,
Nós vamos comemorar
Este dia tão lembrado,
Das lutas daquele lugar.

Voltando a terra firme
A procissão vai se formar
Seguindo para igreja
Todos estando a esperar
Com a iniciação da Santa missa
Para o trajeto completar.

Meu Cerrado

Valéria Elias Nogueira

Tanta graça!

Quanta graça tem uma vida

Aqui neste lugar!

Tanta beleza
pra se admirar

É tão diversa

A nossa vegetação

Entre as savanas

Tem o barbatimão

Eu falei que tem muita graça

Andar no mato e subir

Comer no pé

Mangaba e murici

Árvores tortas

Palmeiras de buriti

Na nossa flora

Pequizeiro a florir

Berço das águas é meu cerrado

Jorrando sempre nos mananciais

Tem ribeirinhos por todos os lados

Os quilombolas põem suas digitais

Nosso bioma é tão envolvente

Capim dourado tem manutenção

É Hotspot¹ pra todo o mundo

Sofre ameaça de destruição

1 O termo Hotspot de biodiversidade foi cunhado em 1988 por Norman Myers, em um artigo publicado na revista Environmentalist, e é definido como áreas de florestas tropicais que abrigam uma grande concentração de espécies, com alto grau de endemismo e que estão sob grande ameaça. Na ocasião, 10 localidades em florestas tropicais foram enquadradas como Hotspots.

E nos foi dado todo o domínio
Para os cuidados com a criação
E ficará para a posteridade
Esse legado de preservação

A natureza chora e geme
Erga uma voz de inquietação!
A nossa terra clama socorro
Junte-se a nós, cante essa canção!

Nosso bioma é tão envolvente
Capim dourado em manutenção
É Hotspot para todo o mundo
Sofre ameaça de destruição

E nos foi dado todo o domínio
Para os cuidados com a criação
E ficará para a posteridade
Esse legado de preservação

Junte-se a nós e cante essa canção!
Junte-se a nós e cante essa canção!

É tanta beleza
É bem marcante

Marcante é a sua beleza
É tão envolvente
Fava-de-bolota
Na bela flora
Tão curioso

Araguaína pulsa

Valeria Elias Nogueira

Passos largos, segue firme a prosperar
Na sua história a beleza karajá
Povo justo, corajoso, resistente
A força da esperança é o que move essa gente

Araguaína, o sucesso te enlaçou
Povo guerreiro, é dessa terra que eu sou
Araguaína, fonte de inspiração
É cidade que não para, sempre em evolução

Pulsa aquecida no peito do Norte
É linda e produtiva, tem comércio forte
O agronegócio tem grande potencial
Da região do MATOPIBA, é a capital

A riqueza natural, é celebração da vida
Na floração de ipês fica bem mais colorida
Elegante, ostenta pôr-do-sol em tela cheia
Na linda Via lago onde o Lontra serpenteia

Arara e capivara no caminho
Pesca esportiva é no Garimpinho
Parque Cimba, Via Norte são postais
E quem come na Feirinha sempre quer mais

Protegida, por Jesus o Redentor
Bom manejo do resíduo é exercício de amor
Sustentabilidade, e criatividade
Matéria-prima, força motriz da RECICLARTE
Araguaína, seu urbanismo é de inclusão
Desenvolvimento aliado à preservação
Araguaína, rega a semente da ousadia
O estandarte do seu povo é sempre a alegria

Indígenas do Tocantins

Antonio Brito

Dos índios do Tocantins,
Agora que vou falar,
Povos que aqui residem,
Antes de o Estado criar,
São muitos dessas famílias
Aqui podemos citar:

Carajás o índio valente,
Que vive neste lugar,
Habitou o rio Araguaia,
Fazendo seu lugar de morar.

Guaranis que representa,
Os indígenas das Américas,
Existem no Tocantins
E gostam de fazer festas.

Tapirapés também são índios,
De um grupo muito legal,
Habitam o Parque do Araguaia
E também a Ilha do Bananal.

Kraôs, também são índios,
Vivendo também assim,
Ainda estão habitando
O grande vale do Tocantins.

Xerentes, também continuam,
Habitando no Tocantins,
Residem às margens do rio
Bem perto de Tocantínia.

Apinajés é um povo indígena,
Que habitam aqueles lugares,
Margem esquerda do Tocantins,
E a margem direita do Araguaia.

Avá-Canoeiro é povo indígena,
Sua língua é o Tupi-Guarani,
Existem apenas duas famílias,
E uma é no Tocantins.

Javaés é índio também,
Faz jus o seu nome chamar,
Vivem às margens do rio Javaés,
São aparentados dos Carajás.

Os Assurinis do Tocantins
Foram indígenas também do lugar,
Sua família é do Tupi-Guarani,
E hoje vivem no Pará.

Krahô-Kanela por aqui estão,
Na mata alagada da região,
Entre o nosso Rio Formoso
E a Lagoa da Confusão.

Os Karajá do Norte são tribos,
Do norte do Tocantins,
Vivendo em Xambioá,
Também é nosso vizinho.

A poesia está baseada,
Na história do Tocantins,
Como fonte os **"Indígenas"**,
E as rimas feitas por mim.

Lamentações de um rio: rio Tocantins

Antonio Brito

O nosso **rio Tocantins**, eu sempre te vi assim,
Correndo por natureza, por todos esses confins,
Mas a maldade do homem,
De não ter pena de mim,
Vai construir uma **Barragem** e parar o **Tocantins**.

Eu não posso fazer nada,
Pois sou tão pequeno assim,
Só me resta esperar,
O que vem e o que é de vir,
Logo tão cedo e real a parada o **Tocantins**.

Por suas águas não correr,
Um lago vai se formar,
A nossa mata vai morrer,
E os bichos se “espanar”,
Vai mudar tudo assim, nas margens do **Tocantins**.

Nosso povo não vai mais,
Ter a vazante que tinha,
Não pode mais pescar,
E pegar sua sardinha,
Tudo se torna difícil, nas margens do **Tocantins**.

Com essa grande mudança,
Eu não sei como fico,
Vão indenizar a todos,
Mas isso eu não acredito,
O pobre fica mais pobre e o rico fica mais rico.
O nosso **rio Tocantins**,
Nunca mais será o mesmo,
Com suas águas paradas,
Tudo vira um pesadelo,
Não posso mais aportar naquele porto primeiro.

Plantar roça não se planta,
Pois não tem onde plantar,
Some-se toda baixada,
Na imensidão deste mar,
Ficam as pedras e morros pra **Seriema** cantar.

Nosso Rio tão corrente,
Vai virar uma lagoa,
Não se pesca mais de rede,
Naquela antiga **Cambôa**,
Hoje eu só vejo água, e o povo chorando à toa.

Nossas **Praias** sumirão,
Por este Lago sem fim,
Na Praia artificial “ó coitadinho de mim”?
Mordido pelas Piranhas,
Do antigo **Tocantins**.
Nossa **Rampa** vai sumir,
Nosso **Colégio Leopoldo** a se acabar,
Tantas vezes defendi,
O nosso lugar de morar,
Vêm as **multinacionais** nossas vidas modificar.

O velho “**Morro do Inhamé**”
O nosso cartão postal,
Vai ficar bem circulado,
Por esta água mortal,
Servindo de abrigo para a grande cobra-coral.

E o nosso **Babaçu**, que tanto já nos serviu,
Já matou a nossa fome,
E nossas casas cobriram,
Hoje está condenado;
Por esta obra civil.

A “**Ilha de São José**”,

Nada dela vai sobrar,
Tudo ali fica inundado,
Sem ter como escapar,
Vai mudar tudo dali e muita gente vai chorar.

Vai chorar o vazanteiro, o criador e o peixeiro.
Os donos dos velhos barcos,
Que aqui habitou primeiro,
As quebradeiras de coco, que não sabem do sufoco,
Quando inundar o seu terreiro.

A Barra do **Corrente**, agora que vou falar.
Suas terras perene e boa para plantar,
Vai desaparecer do mapa,
Pois lá nada escapa,
Só nos resta lamentar.

A grande **Barra da Arraia** e o seu **assentamento**,
Todos estão condenados,
Por este grande enchimento,
Em que todos terão que correr,
Com o tal do desenvolvimento.

Acabando com as **Cerâmicas**,
Tudo vai dificultar,
Não tem telha e nem tijolos,
Pra nossas casas ajeitar,
Pra tirar uma goteira, vou à outra cidade buscar.

Lamentações de um rio: o desmatamento

Antonio Brito

O desmatamento começou de fato,
Com o trator derrubando o **Mato**,
Leva planta! Leva pasto!
Fazendo o maior espanto.

A **Mata** bem preservada,
Hoje chora em desespero,
Estão desmatando tudo,
Ficando igual um terreiro.

O momento já chegou,
Pois é sua obrigação,
Já estão matando aos poucos,
A nossa **Vegetação**.

Com essa grande limpeza,
Tudo vai dificultar,
Corre o **Peba** e a **Cotia**,
E morre o **Tamanduá**.

Em sua área de reserva,
Todos iam descansar,
Hoje tudo desmatado,
Não os tem onde ficar.

Foge o **Bicho Preguiça**,
Que é dificultado o andar,
Deixando ali para trás,
O seu lugar de morar.

Até mesmo os **Marimbondos**,
Que viviam neste lugar,
Voa para outras bandas,
Pra sua vida sossegar.

As matas de **Caximbeiro**,
Vão ter que lhe derrubar,
Acabando com a estopa,
Pra nossos Barcos consertar.

O **Tucum** e o **Marajá**,
Nada deles vai sobrar,
Era comida das **Pacas**,
Das **Cotias** e dos **Preás**.

As **Formigas** e os **Formigões**,
Eram os donos deste chão,
Com esse desmatamento,
Fugiram desta Região.

O **Grilo** e a **Rã** de bananeira,
Tiveram que sair na carreira,
Quase que nem deu tempo,
De sair do desmatamento.
Com os Tratores quebrando,
Tudo vai modificando,
O **Sapo** se desesperando,
E os **Coati**, fugindo em bandos.

E o **Peba** que aqui vivia,
Cuidando de seu buraco,
Hoje só anda correndo,
Procurando outros matos.

O **Cupim** e o **Carrapato**,
Que dependiam destas matas
Vão todos desaparecer,
Com esse grande desmato.

A **Galinha d'água**, e seu instrumento,
Que cantava nos assentamentos,
Mudou pra cima da serra,
Depois do desmatamento.

A **Minhoca** e a **Paquinha**,
Que nas baixas iam cavar,
Hoje só vemos tristeza,
E o Trator a desmatar.

Lamentações de um rio: a grande mudança

Antonio Brito

A mudança tá chegando,
O desassossego também,
Todo mundo tá mudando,
Carregando o pouco que há,
Só nos resta a lembrança,
Quando a represa chegar

A mudança começou,
Com o povo a se mudar
Desmontando suas casas,
Era seu lugar de morar
Tudo fica diferente,
Quando a represa chegar.

Os vizinhos que de antes,
Hoje não se sabe mais,
Cada um para seu canto,
Cuidando de seus animais,
Acaba esta amizade,
Quando a represa chegar.

O que mais lhe pertencia,
Hoje não lhe pertence mais,
Só nos resta o sentimento,
Saudade e nada mais,
Tudo começa de novo,
Quando a represa chegar.

Os filhos do meu vizinho,
Vão ter de se acostumar,
Pois viviam entre nós,
Sem ter que se preocupar,
Hoje só fica na lembrança,
Quando a represa chegar.

Suas terras que de antes,
Eram tão boas de plantar,
Hoje ficam submersa,
Na imensidão deste mar,
Tudo fica diferente,
Quando a represa chegar.

Hoje modificaram tudo,
O lugar de nós morar,
Some baixada e grotas,
E não vejo onde ficar,
Tudo isso tá previsto,
Quando a represa chegar.

A mudança que veremos,
É para sempre nos lamentar,
Corre o pobre lavrador,
Do seu lugar de morar,
Sobe o morro e espera,
Quando a represa chegar.

O vaqueiro não tem mais,
A Fazenda de vaqueirar,
A terra do fazendeiro,
Vai sumir deste lugar,
Fica ele desempregado,
Quando a represa chegar.

A estrada que passava,
Por ali e acolá,
Foi toda modificada,
Para água se abrigar.
Por isso não me acostumo,
Quando a represa chegar.

Terra às cegas

Karollyne Pereira dos Santos Alves

Meu Tocantins diverso
Um sol para cada cidadão em
Céus onde flutuam sonhos e universos
Meu paraíso que detém
Belezas que não cabem em um verso

Cela na vila o índio
Que produz belezas
Filho fugidio
Dessas cidades avessas

Forasteiro, não por decisão
Mas por medo do estrangeiro
Que adentrou o meu sertão
E pôs-se a atirá-los em cativeiro
A fim de tirar-se o ouro de aluvião

Que nasce em Natividade
Terra às cegas que esconde
Diversas crueldades,
Pretos que não viam por onde
Se livrarem, mas da Nossa Senhora do Rosário
Clamavam por piedade.

Tocantins: o rio que inspira versos e lembranças

Karollyne Pereira dos Santos Alves

Portos marítimos não servem somente para deixarem saudade
Mas sim, tirar do avesso dos corpos as mais verdadeiras mensagens
Da praia de porto real achei a minha vã serenidade
Pois de ti, amor meu, em Porto Nacional, deixei a cumplicidade.

Não partirei de volta
Pode ficar tranquilo
Desse paraíso cultural do Toca.
Toca-me a aventura de tornar-me inquilino

De Monte do Carmo
À margem do rio Tocantins
Cresce embaixo da terra o ramo
Que floresce meus diversos Jardins

Além da beleza das flores
Cumprirem com gosto de mel os sabores
Dessas mesas do Tocantins já houve dores
A casa câmara cadeia de porto aquém diz esses dissabores

Da arquitetura colonial
Deixada por estrangeiros
Esconde o gosto de fel do tribunal
Mas também a força dos negros.

A melodia da dor

Odi Alexander Rocha da Silva

No universo que se crê ou imagina é Mãe Terra Tocantina
A Eterna Força dos jardins
Deste chão do Tocantins
O sobrenatural das terras, nascido há muitas eras
Fruto de sonhos não quimeras, do Mistério do Princípio Criador
E, vinda do princípio Criador
Procura, Mãe Terra, um simples cantor.

Mãe Terra quer cantar, em qualquer alma assim plantar
O dizer de um amor mui verdadeiro,
A Alma de uma terra por inteiro
P'ra ficar assim eterno na lembrança de homem, velho, mulher, criança
E quem mais em que a esperança seja viva como o viço de uma flor
E pela vida como viço de uma flor
Procura Mãe Terra um simples cantor.

Mãe Terra Tocantina chamou e um poeta acordou.
A voz ecoando no calor Celestial
Do misterioso Mundo Espiritual
“Vem cantar os jardins da minha terra, a beleza que tudo encerra
E o Amor que se aferra, a esta terra toda plena de langor
E p'ra cantar a terra plena langor
Veio à Mãe Terra um simples cantor.

“Eis aqui”, diz Mãe Terra, “tua moção! Bem-vindo ao Reino do Coração,
Onde o celeste a tudo assiste,
Onde a Morte não existe!
Simples cantor aqui serás, e tudo o que cantarás

Para sempre deixarás à doce terra do jardim encantador”.

E, na doce terra do jardim encantador,
Guia, Mãe Terra, seu simples cantor.

Ao poeta deveria caber, viajar pela terra a saber
O que há de belo, mais bonito
P’ra poder deixar escrito
Em claro e longo verso, um jardim que o Universo
Esculpiu, deixou disperso, p’ra ser, assim, cuidado com amor.
E, no jardim a ser cuidado com amor
Guia, Mãe Terra, seu simples cantor.

E, nas viagens de muitas glórias, alegrias tristezas, histórias
O poeta nesta terra então viveu
E sobre tudo ele escreveu
O que aqui se vai contar, ele teve de narrar
Ao precisar participar, de ver Mãe Terra queimando com ardor
E p’ra ver assim queimando com ardor
Preparou Mãe Terra seu simples cantor.

Estavam então no céu, resguardados pelo véu
Da noite densa que fazia.
Com calor, a terra dormia
Disse Mãe Terra “desce agora, meu poeta, eis que é hora
No silêncio que vigora para cumprir tua missão com louvor”.
E, para cumprir sua missão com louvor,
Guia, Mãe Terra, seu simples cantor.

À terra o poeta desceu, quando o véu desvaneceu
Cruzou o véu e a terra estava turva,
Nem linha reta ou linha curva.
Aos poucos entendia, uma queimada acontecia

E a tudo desfazia em cruel e sórdido calor.

E, no cruel e sórdido calor,

Guia, Mãe Terra, seu simples cantor.

O horror acontecendo, a vida desaparecendo

A chama a tudo engolia

Com insaciável euforia

Em funestas quentes flamas, tudo ardia em chamas

De mortíferas tramas sinuosas desenhando seu terror.

E, nas chamas desenhando seu terror,

Guia, Mãe Terra, seu simples cantor.

O poeta naquele momento, gritou forte com lamento:

“Sê, Mãe Terra, minha sorte

O que eu vejo, tudo é morte!

Acode, Mãe, na hora fatal! Aqui, o Funesto e o Letal

Em Tuas Veias põe sangue mortal, brandindo sua voz e seu horror! ”

E, diante dessa voz e seu horror,

Ampare, Mãe Terra, seu simples cantor.

Outrora jardins agora camas, de morte estendidas pelas chamas.

A um canto, fenecido e torto

Um lobo-guará jazia morto.

Frondosos caules de cerrado, vestiam corpo petrificado

Em carvão já transformado ante ao fogo impiedoso e seu vigor

E, no fogo impiedoso e seu vigor,

Ampare, Mãe Terra, seu triste cantor.

Anéis de chamas esfomeadas, devoravam espécies ameaçadas

De extinção p’ra uma vida inteira.

Veado, paca, tamanduá-bandeira,

Tudo assim tostado pela Morte; não tiveram nenhuma sorte,

Sem saída, sem um norte diante de um algoz devastador:
E, diante desse algoz devastador,
Ampare, Mãe Terra, seu simples cantor.

No meio de chama e bruma, eis que o poeta viu uma
Onça pintada se arrastando.
Mesmo o corpo agonizando,
Ela tentava a própria sorte, a sua saída, o seu norte,
Enfrentado a própria morte, diante do Algoz torturador.
E, diante de um Algoz torturador,
Ampare, Mãe Terra, seu triste cantor.

O poeta logo foi buscá-la, para tentar arrastá-la.
Em sua própria agonia,
Ela não mais reagia.
Vendo quem veio lhe buscar, molemente deixou-se levar,
O pesado corpo arrastar para fora do Algoz matador.
E, diante desse Algoz matador,
Ajude, Mãe Terra, seu simples cantor.

Do fogo já distante, o poeta parou um instante.
Foi então que percebeu
E muita dor o acometeu.
O rugido de outrora, nada mais era agora
Que uma voz que vai embora diante de sua própria dor.
E, diante de uma própria dor,
Ajude, Mãe Terra, seu simples cantor.

Respiração acelerada, o sintoma, da proximidade do coma.
O corpo com cinzas e fuligem
Emanava tristeza e vertigem.
Enfumaçada carnadura, tremendo, à queimadura

Ante à Morte fria e dura na fraqueza de um clamor.

E, diante da fraqueza de um clamor,

Ampare, Mãe Terra, seu simples cantor.

Já chorando a ampará-la, foi o poeta reanimá-la.

Não aceitava a verdade.

A fera perdia em dignidade.

As outrora lindas costas, agora eram vísceras expostas,

Vida sangrando sem respostas ao sentido e sofrimento de uma dor.

E, ao sentido e sofrimento de uma dor,

Ampare Mãe Terra, seu triste cantor.

A carne desmanchava, além da dor que achacava.

“Sê forte, não há quem exista”,

Em beleza de igual conquista!

Disse o poeta, “Não se vá, meu amigo! Resiste, agora, aqui comigo.

Te ofereço meu abrigo, e o Amor de Mãe Terra e Seu Calor.

E, com Seu Amor e seu calor,

Ampare, Mãe Terra, seu simples cantor.

A consciência já perdia, mas ainda ouvia.

“Amanhã, disse o poeta, não terás chagas!

Retomarás as tuas caminhadas.

Jamais ficarás abatido, jamais alguém terá sabido

Ou sequer terá ouvido, de agonia, de tristeza e de dor”.

E na agonia de tristeza e de dor,

Ampare, Mãe Terra, seu simples cantor.

O poeta já sentia; a batalha se perdia.

“Qualquer seja dessa vida o sentido

Teu Valor jamais será esquecido”.

O corpo da onça amoleceu; a mão do poeta lambeu,

Aninhou-se ao colo... e morreu, sucumbindo à sua própria dor.

E, junto a quem sucumbe à própria dor,

Ampare, Mãe Terra, seu triste cantor.

Em lágrima por fogo refletida, gritou ele “Quem se importa com a vida?

Não ouves, Mãe Terra, como te chamas,

Quem jaz nos anéis dessas chamas?

Por que silêncio e convivência diante desta impotência

De cinza e morte sem clemência na besta-fera de um terror?”

E, na besta-fera de um terror,

Socorra, Mãe Terra, seu triste cantor.

Em um galho já queimado, o poeta viu pousado,

Um corvo silente, augusto,

Diante de todo susto.

Disse o corvo “A quem chamais, aqui nessas plagas sepulcrais?

Apenas tu e ninguém mais sobrevive à melodia desta dor”.

E, diante da melodia de uma dor,

Ampare, Mãe Terra, seu triste cantor.

Disse o poeta chorando, “Não consigo, estou falando.

Se um dia houve sorte,

Eis que tudo agora é morte!”

“Dessas Hostes Sepulcrais, disse o corvo, transporás os seus portais?”

Gritou ao corvo “Nunca Mais! Aqui ao colo a Morte fala de torpor!”.

E, ante à Morte falando de torpor,

Socorra, Mãe Terra, seu triste cantor.

“De alma outrora aguerrida, disse o poeta, “Vê esta fera aqui despida

De seu corpo, sua alma, seu coração,

Sem amor, valor ou compaixão!

Existe ainda algum véu, cobrindo as chamas deste fel?

O meu grito não lixa o céu diante dos escombros desta dor?"

E, diante dos escombros de uma dor,
Ampare, Mãe Terra, seu triste cantor.

No ritual dos dias findos, fechou da onça os olhos lindos,
Sofrendo o luto e a impotência
De uma morte sem clemência.

Já prostrado e soluçando, o seu corpo reclinando,
Viu-se logo abraçando a onça que partiu em própria dor.
E, ante a quem partiu em própria dor,
Console, mãe Terra, seu simples cantor.

Então o corvo gritou, do poeta atenção chamou.

Mais do que as chamas candentes
Eram os olhos do corvo reluzentes.

"Não importa, disse o corvo, o que passou. Ninguém acaba o que o Eterno começou.
Agora saberá Quem Sou toda essa besta-fera de terror!"
E, diante da besta fera de terror,
Console, Mãe Terra, seu simples cantor.

O poeta, transtornado, logo viu-se assustado.

O corvo as asas estenderam,
E seu tamanho cresceu.

Diante de todo fel, transformou-se em nuvens no céu
E desfez seu próprio véu Mãe Terra Tocantina em Seu Amor.
E diante de ti, de teu amor,
Ampare, Mãe Terra, seu simples cantor

"Basta de desgraça nefanda, disse Mãe Terra, saberás quem manda,
Ó Morte, no jardim aqui disperso
Pelo Amor do Universo. O
Basta de hora fatal, de funesto e de letal!

Devolvo Teu Sangue Mortal e sente na pele a Tua Própria Dor!”

E, diante de quem sente a própria dor,
Ampare, Mãe Terra, seu simples cantor.

Luminosos raios de glória fustigaram a merencória.

Com Força dada pelo Espaço,
Enredou a Morte em seu laço.

Com destra plena e forte, com sabor de vidro e corte

Avançou Mãe Terra sobre a Morte, em tempestade de poder terminador.

E, na tempestade de poder terminador,
Socorra, Mãe Terra, seu simples cantor.

A borrasca varreu os cantos; “Devolve, Morte, os Meus Encantos!”

Disse Mãe Terra em singulares desvelos

Como uma mulher sacudindo seus cabelos

Longos em nova emoção, entoando sua própria oração,

Em Sua Voz, Seu Coração, a régia força de uma viva e própria cor.

E, na força de viva e própria cor.

Ilumine, Mãe terra, seu simples cantor.

Água e vento em cravejo sinuoso, limpam o espaço tormentoso,

Adubando nova alma e coração

No berço de uma nova criação.

Tudo em torno revivendo, o poeta seguiu vendo

Mãe Terra Tocantina refazendo uma obra de vasto e próprio amor.

E, diante do vasto e próprio amor,

Ensine, Mãe Terra, seu simples cantor.

Aurora-dedos-rosas Matutina, saudou logo Mãe Terra Tocantina

Enquanto concluía a operação

De uma nova restauração.

A borrasca amenizou, seu poder suavizou

E, assim, plácido deslizou em aurora e novo berço criador:

E, diante do novo berço criador,

Guie, Mãe Terra, seu simples cantor.

A claridade se espalhava, o cenário renovava.

Na atmosfera reluzida,

Iniciava a nova vida.

No outrora espaço nefando, Mãe Terra foi gestando.

Bichos, plantas retornando assim belos como o viço de uma flor.

E, diante da vida em viço de flor,

Guie, Mãe Terra, seu simples cantor.

Então Mãe Terra Tocantina, por onde a vida se destina

Foi-se como o vento se evola.

Em cada recanto quilombola.

Diante da tristeza e seus enlaces, Mãe Terra em ventos rapaces

Secou-lhes as lágrimas das faces, dizendo “Eis tua Mãe em novo ardor!”

E, diante dessa Mãe em novo ardor,

Está, Mãe Terra, seu simples cantor.

E todos então se alegraram. Se, ao perder, florestas lamentaram,

Agora, gratos à mãe Terra, apenas oram.

E são lindos até quando choram.

Lágrimas cálidas, lancinantes deixam seus rostos mais brilhantes,

Enfeitando sorrisos tão tocantes, o jeito negro de emoção em própria cor.

E, diante da emoção em própria cor,

Guie, Mãe Terra, seu simples cantor

E vagando forte como o vento, permitiu-se outro momento

De anunciar a novidade

A cada indígena comunidade

Presas da tristeza e seus enlaces. Então, Mãe Terra em ventos rapaces

Secou-lhes as lágrimas das faces, dizendo “Eis Tua Mãe em novo ardor!”

E, diante dessa Mãe em novo ardor,
Está, Mãe Terra, seu simples cantor.

E vagando forte como o vento, permitiu-se outro momento
De anunciar a novidade,
Uma nova felicidade
P’ra ficar assim eterna na lembrança de homem, velho, mulher, criança
E quem mais em que a esperança seja viva como o viço de uma flor
E pela vida como viço de uma flor
Ensine, Mãe Terra, seu simples cantor.

O poeta assustado, viu tudo impressionado
“Mãe, em lágrimas desatei,
E até a Ti maltratei
E agora sinto Teu Coração, No Teu Poder e Tua Ação,
E aqui faço uma oração, pedindo que perdoe meu fervor
E, diante do pedido com fervor,
Perdoe, Mãe Terra, seu simples cantor.

“Não há perdão para pedir, teu amor teu despedir
É teu coração, disse Mãe Terra, ante à vida
Assim violada e extinguida.
Agora, em doces refolhos, Em vez de cinzas ou abrolhos,
Vê diante dos teus olhos, a vida ressurgindo com Amor”.
E, ante à vida ressurgindo com amor,
Delicie, Mãe Terra, seu simples cantor

E então ele viu, no renovo que surgiu,
Trazidos da extinção p’ra vida inteira.
O Veado, a paca, o tamanduá-bandeira,
O lobo-guará, todos em nova sorte, sem sabor de vidro e corte

Todos eles com saída e com norte, retornados do Princípio Criador:

E, diante do Princípio Criador,

Comova, Mãe Terra, seu simples cantor.

“E agora a aparecer, um certo amigo quer te ver”.

O poeta se virou

E, comovido, vislumbrou

A onça correndo em sua direção, com marcante predileção,

Festegou em afeição, esfregando-se feliz e com ardor,

E, ante à felicidade e seu ardor,

Delicie, Mãe Terra, seu simples cantor

“Dessa forma de dizer, ele quer agradecer”,

Antes de voltar à própria vida”,

Disse Mãe Terra com voz querida.

“É plena a sua gratidão. Por teu amor, imensidão.

Não morreu na solidão, tendo a tua companhia e teu amor”.

E ante à gratidão e seu amor,

Felicite, Mãe Terra, seu simples cantor.

A onça então disparou, para floresta precipitou.

Disse o poeta “Talvez não entenderás

Mas deixas um amigo aqui atrás.

Nos caminhos de gloriosos camafeus, sê feliz entre os teus.

Também teus sonhos serão meus, porque presos de um eterno e mesmo Amor”.

E, agora preso a um eterno e mesmo Amor,

Está, Mãe Terra, seu simples cantor.

Ele se comovia; feliz, a onça corria

Com a vida devolvida,

Com saúde aguerrida,

Mas eis que correndo sagaz, parou e olhou para trás,

E jurou firme, contumaz, uma eterna amizade e seu valor.

E, diante da amizade e seu valor,

Felicite, mãe Terra, seu simples cantor.

“Vê como essa fera ressurgida, diz Mãe Terra, tem amor à sua vida.

Enquanto esse nosso jardim

Tiver quem lhe dê valor assim

Todo e qualquer descampado, será tesouro preservado

Ante à vida consagrada para além da vida e seu sabor”.

E, além da vida e seu sabor,

Ensine, Mãe Terra, seu simples cantor.

À floresta, a onça partiu, como um sonho que sumiu.

O poeta embevecido,

Disse a Mãe Terra, comovido.

A Aurora, mãe Terra, já desbota, qual é, agora, a nossa rota,

Conhecida ou ignota para vidas ressurgidas pelo Amor?

E, qual a rota a ser vivida com Amor,

Responda, Mãe Terra, a seu simples cantor.

“Nesse universo que se crê ou imagina, vem junto diz Mãe Terra Tocantina

Veremos mais desses jardins

Do chão do belo Tocantins

P’ra ficar assim eterno na lembrança de homem, velho, mulher, criança

E quem mais em que a esperança seja viva como o viço de uma flor”.

E, assim, ao céu, como o viço de uma flor,

Subiram Mãe Terra e o simples cantor.

Parabéns, Xambioá!

Getúlio Dias Neto

À beira do rio Araguaia
Existe uma grande história
De um povo hospitaleiro
Terra de muita glória

Rodeada por água franca
E terra boas para plantar
Assim é essa cidade
Que mais um ano vem completar

Pássaro veloz é seu significado
Mais seu nome é Xambioá
Terra de um clima agradável
E o lindo Araguaia pra contemplar

Com ladeiras inclinadas
Feitas por nossa natureza
Um lindo cartão postal
Veja só que beleza

Xambioá também é minha casa
Que um dia me acolheu
Onde tenho muitas amizades
Foi onde minha amada esposa nasceu

Rica em recursos naturais
É uma terra que tem história
Desde a água do rio ao pó do chão
Parabéns por mais um ano de glória.

O rio transformado

Getúlio Dias Neto

As águas que trouxeram a vida
Agora queemr trazer a morte
Inundando meu recanto querido
De um povo alegre e forte

Porém um pouco sofrido,
Dizimando a fauna e a natureza
Que no beirão do rio
Formam paisagens que é uma beleza

Florestas areias e nossas águas
Que por encanto são nossa riqueza
E agora com suas águas represadas
Causando-nos essa surpresa

E ao seu redor uma imagem defasada
Pra não vermos a alegria
De uma praia onde adultos e a criançada
Faziam seu refúgio em harmonia

A corredeira das águas do rio corrente
Que hoje não correm mais
Ficando apenas em nossa mente
Aqueles tempos que não voltam mais

E em nosso peito uma revolta
Do que a ganância faz
Que uns querem tão pouco
E outros ainda querem mais

Querem a qualquer preço e a qualquer custo
Destruírem tudo e nossa cidade
Gerando pobreza e pânico
E uma imensa infelicidade

E agora, rio Tocantins,
Que eu vivia a observar
Tu me inspiravas com alegria
E hoje só me faz chorar

Fica pra próxima geração
Essa história que vou deixar
Aqui um dia foi nosso chão
E nessas areias sopravam o ar
E pra quem um dia não viu
Eu agora vou falar
Essas águas já correram e era um rio
E agora parece um mar.

Babaçulândia: nossa história, nossa vida

Getúlio Dias Neto

Ao lado esquerdo do rio Tocantins
Existe uma grande história
De um povo forte e decidido
Que um dia mudou sua glória

Surge a saga de um povo alegre
Cujo lema é trabalhar
Desde o sol nascente até o poente
Pra sua família sustentar

Muitos vivem da pesca e do roçado
Na boiada é um sufoco
Outros lutam também na sombra
Porém outros quebrando coco

Nossa gente tem de tudo
Aqui nesse pedaço de chão
Esse povo inteligente
É um orgulho pra nação

A bela praia do coco
O nosso grande paraíso
Descansar na beira do corrente
É disso que eu preciso

Porém isso irá mudar
Causando-nos um sofrimento
Nossa baixada vai afundar
Com a barragem em desenvolvimento

Aqui deixo registrado
Um pouco da nossa história
É uma luta bem constante
De derrota e também vitória

Babaçulândia é nosso berço
É uma terra que tem memória
Desde a água do rio ao pó do chão
É nossa vida e nossa história.

Araguaína: nossa história, nossa vida

Getúlio Dias Neto

Às margens da Rodovia 153
Existe uma grande história
De um povo forte e decidido
Que um dia mudou sua glória

Surge a saga dos araguainenses
Cujo lema é trabalhar
Desde o sol nascente até o poente
Pra sua família sustentar

No comércio, ou no serviço público
No sol quente e no sufoco
Outros lutam também na sombra
Nosso povo não trabalha pouco

Nossa gente tem de tudo
Aqui nesse pedaço de chão
Esse povo inteligente
É um orgulho pra nação

Nossa linda Via Lago
O nosso grande paraíso
Caminhar no Parque Cimba
É disso que eu preciso

Terra linda banhada de nascentes e rio
No fim de tarde aquele lindo movimento
Nossa gente retornando pra seus lares
Cidade bela em desenvolvimento

Cidade universitária e hospitaleira
És grande polo pra toda região
Recebes pessoas todos os dias
Terra de gente de bom coração

Aqui deixo registrado
Um pouco da nossa história
É uma luta bem constante
De derrota e também vitória

Araguaína é nosso berço
É uma terra que tem memória
Desde a água das nascentes ao pó do chão
É nossa vida e nossa história.

Dois rios e uma só vida

Getúlio Dias Neto

Quero apresentar pra vocês
Uma história de verdade
A trajetória de um lindo casal
Que se ama de verdade

Esse romance envolve dois rios
E como o destino do rio é o mar
Para juntos eternamente ficar
Com esses dois não foi diferente
Seus destinos foram lhes juntar

Ele natural de Babaçulândia
Ela natural de Xambioá
Mudaram-se para Araguaína
A fim de uma faculdade cursar

Assim a vida traçou os caminhos
Desses jovens perseverantes
Que resolveram experimentar
A dura vida de estudante

E como se não bastasse
A dura vida de estudar
Escolheram o curso de Química
Pra suas vidas complicar

Química é coisa de doido
É o que pregam por aí
Essa ciência complicada
Fez esses dois chorar e sorrir

Getúlio por ironia
Cometeu o mesmo erro duas vezes
Instigado por Raul Seixas
Iniciou química pela segunda vez
Pois no passado não dando certo
Seguiu a música “tente outra vez”

Amanda jovem menina
Querendo uma faculdade cursar
Sem terminar o ensino médio
Na faculdade veio entrar

Em uma noite de dezembro
Os olhares vieram a se cruzar
Rio Tocantins cruzou com Araguaia
E o primeiro papo veio a rolar

Daquele dia em diante
Uma bela amizade a se formar
O tempo seguiu e com ele as pessoas
A amizade só veio a aumentar

Era um cuidando sempre do outro
Mais sem seus lábios se tocar
Sempre havendo um respeito
De pai e filha resolveram brincar

Os dias foram passando
Virando meses e depois anos
Em meio às dificuldades
A amizade aumentando
E com o andar da faculdade
Suas vidas se aproximando

Até que chegou o dia
Que o destino lhes reservou
Os dois jovens desimpedidos
Seus olhares se cruzaram
E junto ao olhar as bocas se beijaram

Esse momento teve dia e horário
Em uma noite de sábado do mês de maio
Pra ser preciso dia vinte e três
O beijo rolou sem ter ensaio
Foi aí que rio Tocantins outra vez
Encontrou rio Araguaia sem aridez

Nessa noite de céu estrelado
Uma profecia se cumpria
Dois jovens apaixonados
Amparados por Deus se unia

E assim uma nova história a começar
Os ainda a mais se apegar
Da Química brotou o amor
E os dois sempre a se cuidar

Seguiram lado a lado a se amar
Formando planos para os destinos seus
Trilhando os passos do amor
Amparados pelas mãos de Deus

Hoje estamos aqui a celebrar
Essa união que acaba por se consagrar
O amor de Getúlio e Amanda
Nasce para o pai e Deus os abençoar

Vinte e três uma data linda
Mais um casal aqui a se formar
Vamos desejar muitas bênçãos a esses dois
Que vieram suas vidas se juntar.

Pôr do sol na Graciosa

Gislene Pires de Camargos Ferreira

Labareda de luz desenha
essa bela tela
enreda nossos olhos
atiça todos os sentidos
iluminada aquarela

nos fisga pelo corpo
coração e alma entretid@s
brincam nesse belo escopo
colore e incendeia o corpo
cor amor furor
somos abduzid@s

pra dentro pra fora
hipnotizad@s
transcendência no agora
olhos e alma são içad@s
fogo sagrado
por dentro e por fora

inteligência cósmica
anuncia novo eu
interação mágica
brinde terra e céu
tim tim amiga

O sol do Tocantins

Gislene Pires de Camargos Ferreira

O sol do Tocantins me leva
por uma ponte de música
a lua me puxa
por um túnel à meia luz
entre os dois
uma rede de pôr do sol

Faminta sede
sedenta fome
não só de pão e vinho
estranha fome e sede

Fome sede de comunhão
derramada gratidão
na imensidão rede
em água tecida

Os sonhos “novinhos em folha”
no barquinho brincam
de virar realidade
em verdade

O 2024 será uma overdose
de sonhos realizados
nessa nova virtualidade
de Palmas para o Tocantins
do Tocantins para o Brasil
do Brasil para o mundo

Num futuro já presente
nossa cidade “salvaguardada”
ao triunfo “içada”
à nossa aldeia abraçada

No nosso Tocantins
já se sente
o mundo inteiro
num repente.

Pôr do sol mágico

Gislene Pires de Camargos Ferreira

O pôr do sol me põe em mim...
de novo... me (re)compõe...
a praia da Graciosa é meu lugar mágico...
onde me encontro “em estado de poesia”...

Despida de cansaço e angústia...
me visto de pôr do sol outra vez...

Buquê sem laquê

Gislene Pires de Camargos Ferreira

Um grande buquê dança ao vento
flores soltas colorem meus olhos
dia de balançar ao vento
sem laquê suas cabelereiras
são dançarinas em seus canteiros

De flores Palmas é feita
nossa Palmas é um buquê
nossa Palmas é coroa também
flores para os vivos
flores para os mortos
flores para os vivos mortos
flores para os mortos vivos...

Morte e vida em Palmas
um agosto que nos balança
por entre a vida e a morte
nos embala a esperança
nos abraça a fé
nos abarca o sonho
em dias de ouvir as flores...

As que florescem em mim
as que florescem em você
as que perfumam o caminho
as que são carinho e limpam
com ou sem lágrimas
nossos olhos “meio empoeirados”...

O pôr do sol me sintoniza e “entroniza”
o sagrado outra vez... ali me rendo
ao enredo do sol
em magia e estripulia...

Ali alinha o teu e o meu caminho...
pra onde tenha pôr do sol é pra lá que vamos...
Vamos tecer e ser... e esquecer o não
ter...Seremos...

Tocantins na passarela

Gislene Pires de Camargos Ferreira

Nosso Tocantins
assim vai se apresentando
Serras Gerais
Rio Azuis
Taquaruçu
céu azul

O mundo inteiro no Jalapão
nosso verdadeiro coração
altaneiro o capim dourado incendeia nossos sentidos
olhos rendidos e arrebatados
entre o capim e o artesanato

Nosso tesouro nato
tão valioso e belo
até parece ouro
em prece de elo em elo
no terço, na mão enovelado

Tocantins é revelador
sim, tem tantas cachoeiras tem a do Roncador
com suas trilhas e esportes radicais por lá até tirolesa

Tocantins e seu mar doce
praia do Funil
praia do Paredão
praia do Segredo
praia do Prata
praia do Caju
praia das Arnos
sem falar na bela Graciosa
tem também a ilha Canela

Museu a céu aberto

Gislene Pires de Camargos Ferreira

Natividade Dianópolis
Porto Nacional Arraias
nossas “antiguidades”
histórias memórias cidades
nossos museus a céu aberto
passado no presente liberto
plasmado no futuro (in)certo

Palmas sonhada planejada construída “do nada”
tod@s “de mãos dadas”
Palmas nação miscigenada
de almas sonhador@s aladas

Palmas canteiros de flores
e pessoas sonhador@s
corajos@s altaneir@s
alvissareir@s
seres aventureir@s

Tocantins, o que é?

Alúcio Alves da Silva

Tocantins é jalapão

É ilha do bananal

É festa de São João

É futebol, é Carnaval

É folia do divino

Festa do senhor do Bom Fim

É em miscigenação, é um oceano sem fim

Tocantins tem Paraíso, coleção de cachoeiras

Lugares paradisíacos, vales, montanhas, correntezas.

Sússia, forró, catira

Hip/hop, Rock in rol

Cowtrin, blues, rap, catira

Samba, reggae, funk e soul.

Tocantins

Alúcio Alves da Silva

Nuvens brancas, céu azul

Pés no chão, corpo nu

Cabelos ao vento, sorriso estampado no rosto

Cachoeiras, piscinas naturais

Ribanceiras, paisagens paradisíacas

Tocantins, imagens que eu não esqueço jamais

Pedras graves, árvores agudas protegem as costaneiras

Estéticas panorâmicas revelam-se por inteiras

Dimensão zero de uma maravilha, um total mistério talvez

Riquezas e detalhes que eu não posso falar de uma só vez

Te venero, ó meu belo Tocantins

Alúcio Alves da Silva

Oasis, imerso em jardins
Repleto de encantos e belezas sem fim
TOCANTINS, você foi feito pra mim

Estrela, mais brilhante do cerrado
És uma criança, vestida de esperança, ó meu eldorado.
Lindo Tocantins tu és, uma maravilha de eterna beleza,
Uma obra prima da natureza e é por isso que eu vivo a te contemplar..
Quando eu olho para ti,
Fico extasiado com a tua beleza, só sinto alegria,

Não existe tristeza, só me dá vontade de cantar.
Tu estás impregnado no meu coração
Vou te encontrar pra esquecer da solidão

Vou te procurar, sempre que eu precisar de inspiração
Tu estarás, pra sempre nos versos da minha canção

UM POUCO MAIS SOBRE A PROPOSTA DESTE LIVRO

Notadamente, este livro traz em seu bojo uma mensagem voltada à divulgação da literatura tocantinense. Por esse motivo, é uma obra que inaugura uma das mais ousadas tentativas de categorização de produções literárias vinculadas ao seu lugar de origem, o estado do Tocantins.

De modo peculiar, cada conto, crônica ou poesia está ambientado em alguma característica histórica, social, cultural, artística, geográfica ou social, apenas para citar algumas, do caloroso chão tocantinense.

Neste livro, o leitor fará um verdadeiro passeio por uma produção literária que desponta com pujança e determinação. Nesse sentido, cada texto deve ser observado e analisado como ferramenta que potencializa a realização de estudos em seus diferentes níveis.

O que está registrado em cada capítulo deste livro representa o olhar que deve ser dado à produção literária tocantinense. Nesse sentido, esta produção, elaborada a muitas mãos, une sentimentos, sonhos, objetivos e percepções de um trabalho que pode acentuar as prerrogativas dos estudos literários instituídos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelo Documento Curricular do Território do Tocantins (DCT-TO).

Leia este livro e viaje pelo estado do Tocantins por meio do trajeto mais singular que se pode fazer; a palavra em seu efeito literário.

